

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
INSTITUTO DE HISTÓRIA (INHS)**

GABRIEL DOS SANTOS HOLANDA

Memórias do Calabouço: aprender com Literatura sobre a história manicomial no Brasil.

**UBERLÂNDIA
2024**

GABRIEL DOS SANTOS HOLANDA

Memórias do Calabouço: aprender com Literatura sobre a história manicomial no Brasil.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto César de Noronha.

UBERLÂNDIA
2024

GABRIEL DOS SANTOS HOLANDA

Memórias do Calabouço: aprender com Literatura sobre a história manicomial no Brasil.

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha
(orientador)

Profª. Dra. Cleusa Teixeira de Sousa – Profhistória/UFG
(examinador)

Prof. Dr. Maicon da Silva Camargo - SEDUC/GO
(examinador)

“Meu nome verdadeiro é caixão, enterro, cemitério, defunto, cadáver, esqueleto humano, asilo de velhos, hospital de tudo quanto é doença, hospício e mundo dos bichos e dos animais. Os animais: dinossauro, camelo, onça, tigre, leão... é... dinossauro, macacos e girafas, tartarugas... Reino dos bicho e dos animais é o meu nome.”

(Depoimento/entrevista/fala de Stella do Patrocínio, interna da Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravado pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira entre 1986/1988. Acervo da Artista).

“Eu sei que errei, mas penso reabilitar me, pois ninguém levanta sem cair, e eu sinto me com forças para levantar-me.” (Trecho da carta da paciente D.D.R, BARBOSA, 2019, p.287).

“Quer dizer, ele foi na maior brutalidade comigo, né? Nunca eu pensaria na minha vida, que ele tivesse coragem de fazer isso comigo.

Ele, um advogado.

Eu, uma simples empregadinha doméstica.

Ele já tinha 53 anos já, uai, o homem.

Ele tinha idade pra ser meu pai.”

(Depoimento de Geralda Siqueira para o documentário *Holocausto Brasileiro*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus. Todos os momentos que julguei ser incapaz ou quando as provações tentaram me desanimar, o Senhor me mostrou um novo caminho de possibilidades por meio da fé.

Agradeço à minha mãe, Sandra, por todos os seus sacrifícios, a sua força e resiliência são inspirações para a minha vida. Sou eternamente grato pelo teu amor e amparo, desde o meu primeiro choro até o atual momento.

Agradeço à minha noiva, Beatriz, pelo seu amor incondicional e por confiar em mim, mesmo quando eu próprio não era capaz disso, a sua fé na minha capacidade foi o que sustentou este trabalho.

Agradeço à minha irmã, Fernanda, pelo seu apoio, amor e carinho. Principalmente, pela sua confiança na minha capacidade de fazer currículos para você ou de ajudá-la com compras online, é para isso que os irmãos servem.

Agradeço à minha avó materna, Ivete, por todas as orações de proteção, pelos conselhos e por expressar o seu orgulho por mim, seu apoio, ainda que distante, foi fundamental na minha jornada até aqui.

Agradeço aos meus sogros, Ana Lúcia e Marcelo, por confiarem no meu potencial desde o início, tanto o de escrever este trabalho, assim como o de cuidarem da filha de vocês, mesmo em outra cidade.

Agradeço à minha cunhada, Jhully, por sempre demonstrar o seu carinho, apoio e confiança em mim. Saiba que você é mais do que uma cunhada, é a irmã mais nova que eu nunca tive.

Agradeço à minha segunda família que conquistei quando conheci Beatriz: Ana Maria, Lucimar, Verinha, Igor, Marinho, Pricila, Vitor Gabriel e Lúcio Flávio, este trabalho também tem o apoio de cada um de vocês, meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço à minha amiga Júlia Gabriela, por escutar os áudios longos e compreender os sumiços semanais, além de toda a sua empolgação com o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos que percorreram alguns momentos comigo nessa jornada da Universidade: Gabriel Gomes, Caio, Edgar, Hayanne, Iara, Lucas José, Mainá, Rosinha, vocês foram muito importantes na minha formação, obrigado pelas risadas e o companheirismo.

Agradeço ao meu professor orientador, Gilberto, pelo acolhimento desde o estágio inicial deste trabalho. Sem o seu incentivo, eu não trilharia esse caminho até aqui, muito obrigado por todos os comentários, sugestões e trocas durante nossas reuniões, seu apoio foi fundamental.

Agradeço também aos professores membros da banca, Cleusa Teixeira de Sousa e Maicon da Silva Camargo pelos elogios e críticas ao meu trabalho e por terem aceitado o convite em fazer parte deste momento.

Agradeço a Coordenação do Curso de História por todo o apoio e esclarecimento ao longo do curso.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe uma abordagem histórico-literária da função social das instituições manicomiais no Brasil, problematizando o perfil dos sujeitos psiquiátricos, atrelado à questão de raça, gênero e classe social. Por meio da construção de contos literários, destinados a estudantes do 9º ano do Fundamental e Ensino Médio, fundamentados na metodologia de pesquisa, análise e uso de fontes históricas e referências bibliográficas, objetivou-se trabalhar com a questão manicomial brasileira através dos três contos que se transformaram na obra autoral *Memórias do Calabouço*. A escolha do gênero conto, narrativa concisa, dialoga com o hábito de leitura contemporâneo, os tempos e espaços escolares destinados à prática de leitura e a potencialidade do seu caráter subjetivo que gera identificação do estudante. Espera-se que a proposta de leitura e análise dos contos contribua para o uso de novas metodologias no ensino de História, além de desenvolver a empatia, a consciência crítica dos alunos e o contato com o fazer científico próprio da disciplina, como também a reflexão sobre a temática abordada: os manicômios como instrumento de poder e normatividade social, tendo em vista desconstruir estigmas e preconceitos relacionados à saúde mental. A pesquisa desenvolvida pretende ser contribuição ao ensino de história e ao fazer literário e histórico, por meio da interdisciplinaridade entre Literatura e História.

Palavras-chave: História, Literatura, Manicômios.

ABSTRACT

This Course Completion Work proposes a historical-literary approach to the social function of asylum institutions in Brazil, problematizing the profile of psychiatric subjects, linked to the issue of race, gender and social class. Through the construction of literary stories, aimed at students in the 9th year of Elementary and High School, based on the methodology of research, analysis and use of historical sources and bibliographic references, the objective was to work with the Brazilian asylum issue through the three stories that were transformed into the authorial work *Memories of the dungeon*. The choice of the short story genre, a concise narrative, dialogues with the contemporary reading habit, the school times and spaces dedicated to the practice of reading and the potential of its subjective character that generates the student's identification. It is expected that the proposed reading and analysis of the stories will contribute to the use of new methodologies in teaching History, in addition to developing empathy, critical awareness of students and contact with the discipline's own scientific practice, as well as reflection on the topic addressed: asylums as an instrument of power and social normativity, with a view to deconstructing stigmas and prejudices related to mental health. The research developed aims to contribute to the teaching of history and literary and historical practice, through the interdisciplinarity between Literature and History.

Keywords: History, Literature, Asylum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Stella do Patrocínio durante o projeto de Livre Criação Artística	41
Figura 2: Cartas da paciente D.D.R endereçadas ao irmão	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. HISTÓRIA E LITERATURA	15
1.1 Narrativas literárias e históricas.....	18
1.2 A origem do conto no Brasil.....	20
1.3 O uso do conto no ensino de História.....	22
2. OS MANICÔMIOS NO BRASIL.....	26
2.1 Colônia Juliano Moreira.....	28
2.2 Sanatório Pínel.....	30
2.3 Hospital Colônia de Barbacena.....	32
3. MEMÓRIAS DO CALABOUÇO.....	36
3.1 Sobre o conto: Stela, Stella, Stellas.....	37
3.2 Sobre o conto: Sanatório para mulheres desajustadas.....	42
3.3 Sobre o conto: Preta, grávida e louca?.....	48
3.4 O uso da obra “Memórias do Calabouço” para o ensino de História.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
ANEXO: Livro de Contos: Memórias do Calabouço	60
MEMÓRIAS DO CALABOUÇO	62
STELA, STELLA, STELLAS	66
SANATÓRIO PARA MULHERES DESAJUSTADAS.....	73
PRETA, GRÁVIDA E LOUCA?	83
ENCARTE PEDAGÓGICO	89

INTRODUÇÃO

A paixão pela leitura e a escrita me acompanham desde a juventude, por isso o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) uniu a área literária e histórica. Em decorrência do novo currículo vigente no Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, as possibilidades de produções abrangeram-se para além da monografia e artigo científico reconhecendo, dentre outros formatos, a criação de obra ficcional como produto final legítimo¹.

Aceitando o desafio de explorar estes novos formatos, orientado pelos ideais de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, este trabalho se propõe a ensinar História com literatura por meio da produção de contos literários com a temática manicomial, os quais se transformaram na obra *Memórias do Calabouço*. A escolha do tema de ensino deriva da minha Iniciação Científica (IC) voluntária onde investiguei o papel dos manicômios, a partir da figura de Stella do Patrocínio², a inspiração para um dos contos do livro.

A proposta teórico-prática buscou abordar três eixos importantes para este projeto. Sendo eles, as possibilidades de ensinar História com Literatura, a produção de contos autorais que concilie a liberdade criativa da narrativa literária com o rigor da pesquisa científica e histórica e a abordagem sensível sobre a questão manicomial brasileira.

Para tanto, buscou-se abordar o tema, não apenas tomando obras literárias já publicadas como fonte ou objeto de análise - como vários pesquisadores já fizeram legitimamente³, por exemplo, com o clássico *O Alienista* de Machado de Assis⁴ -, Mas, a partir da escrita de três contos que combinaram o fazer histórico com o literário, de modo que foi realizada pesquisa

¹ Conforme estabelecido no art. 4º das Normas para Elaboração e Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso para os Cursos de Graduação em História – Grau Licenciatura (Currículos 5000371LM e 5000371LN). (Resolução n. 8/2020 do Colegiado do Curso de Graduação em História - Uberlândia de 17 de novembro de 2020), “são admitidos diferentes tipos de produção enquanto modalidades de Trabalho de Conclusão de Curso para os Cursos de Graduação em História – Grau Licenciatura”, dentre outros”. “VIII – obra de ficção (literária, teatral, musical e outras) ambientada historicamente com potencial valor educativo, acompanhada de texto com fundamentação teórica, discussão bibliográfica e justificativa intelectual, relacionadas ao material”.

² Resultados deste projeto foram apresentados em: HOLANDA, Gabriel dos Santos. **Stella do Patrocínio: narrativas do enclausuramento**. In: IX CONGRESSO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO DA PUC GOIÁS, 2023. HOLANDA, Gabriel dos Santos. **Memórias do Calabouço: aprender com literatura sobre a história manicomial no Brasil**. I MOSTRA DE PESQUISA Memórias, histórias e historiografias. 2024, online.

³ Cf. GOMES, Roberto. O Alienista: loucura, poder e ciência. **Tempo Social**, v. 5, n. 1-2, p. 145–160, jan. 1993; NAGAI, B.; APPARECIDO, C. S.; DOS SANTOS, M. T. Diálogo entre loucura e literatura no conto “O Alienista”. **Ensaio - Revista de Divulgação Científica, Teste**, v. 1, n. 2, 2017. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ensaio/article/view/18514>. Acesso em: 27 out. 2024; MORATTO, J.; BORDONAL, G. C. O ALIENISTA: relações entre loucura, poder e literatura. **IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica**, [S. l.], v. 6, n. 19, p. 163–174, 2020. Disponível em: <https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/ifsophia/article/view/233>. Acesso em: 27 out. 2024.

⁴ ASSIS, Machado de. **O Alienista**. 1º edição. São Paulo, Camelot Editora, 2021.

de fontes bibliográficas em artigos científicos, dissertações, gravações, cartas, etc para o embasamento teórico das histórias representadas nos contos.

Sendo assim, neste trabalho, as relações fronteiriças entre a literatura expositiva (História) e a literatura imaginativa (Literatura) foram exploradas na teoria e na prática com o propósito de se fazer, ensinar e pensar historicamente. Segundo Adler e Doren, a literatura expositiva busca transmitir conhecimento, está interligada à ciência e a filosofia, é puramente intelectual, enquanto a imaginativa é subjetiva, faz uso dos sentidos, da experiência e da imaginação⁵. Logo, pode-se dizer que a parte teórica do trabalho é a expositiva, enquanto a prática (a produção dos contos), a imaginativa.

Nos contos apresentados há também uma dupla literatura, uma vez que todos foram escritos com embasamento científico e histórico, ou seja, dotado de intelectualidade e razão, assim como a constituiu num exercício de imaginação e sensibilidade pelo autor e, espera-se, também possa ser experimentado pelos leitores.

É válido lembrar que a obra *Memórias do Calabouço* não foi aplicada em instituição escolar pública ou privada⁶, mas serviu como um modelo experimental a, futuramente, ser utilizado em sala de aula tanto no ensino de História, assim como no ensino de Literatura, especificamente, idealizada para as turmas do 9º ano do Fundamental II e Ensino Médio.

Sua relevância para o ensino de história se assenta nos diversos usos e interpretações possíveis para trabalhar as questões manicomiais no ensino de História, o desenvolvimento do hábito de leitura e escrita, a necessidade de abordar as sensibilidades na pesquisa e no ensino de história⁷. Logo, almeja-se a formação interdisciplinar, participativa e crítica do aluno, diante do conhecimento que o professor deseja ensinar ou aprimorar.

⁵ ADLER, Mortimer J. **Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente**. 2. ed. São Paulo: Realizações Editora, 2010, p.212-213. (Educação Clássica).

⁶ Segundo o art. IV da Resolução n. 8/2020 do Colegiado do Curso de Graduação em História - Uberlândia de 17 de novembro de 2020, que normatiza o TCC da Licenciatura esta exigência se aplicaria às propostas de intervenção pedagógica que devem conter “justificativas, metas, objetivos, fundamentação teórica, revisão bibliográfica e efetiva realização, registrada por meio de vídeo, imagens e/ou apresentação oral;

⁷ “Captar as razões e sentimentos de uma temporalidade já escoada é ter em mente a alteridade do passado, com sua diferença de códigos e valores. Este gap entre tempo do historiador e tempo do acontecido impõe o passado como um outro, que desafia e oculta seus sentidos. Não há pois, como deixar de ter em conta aquilo que é próprio da história: o fato de que as respostas construídas sobre o tempo escoado são sempre provisórias, cumulativas, parciais, datadas, prováveis e que o historiador busca tornar sempre, o mais possível, verossímil e convincente. Ao estabelecer os marcos destes filtros do passado, é que a atividade do historiador se constrói como uma tarefa hermenêutica, debate este que remonta ao século XIX.” PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades*. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Colloques, mis en ligne le 04 février 2005, consulté le 04 novembre 2024. URL : <http://journals.openedition.org/nuevomundo/229>. Acesso em 04 nov. 2024.

Desse modo, a parte teórica “expositiva” do trabalho foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo **História e Literatura**, analisa historicamente as relações, distanciamentos e aproximações entre ambas as áreas, a partir do momento em que a História se caracteriza como ciência e negligência o caráter subjetivo e imaginativo do campo literário, até que as renovações historiográficas, decorrentes da Geração dos Annales e, especialmente, a Nova História Cultural retomam a aproximação com a Literatura e reconhecem a importância desta como fonte e diálogo na produção do conhecimento histórico.

Além disso, o capítulo também aborda o gênero literário escolhido, o conto. Nessa mesma linha de raciocínio, abordamos o uso de contos no ensino de história ao destacar sua relevância como fonte histórica, desenvolvimento do pensamento crítico, um modelo de linguagem clara e objetiva, além da sua capacidade de gerar identificação e sensibilidade no leitor.

O segundo capítulo **Os Manicômios no Brasil** conceitualiza e contextualiza os manicômios e o seu surgimento no país, tendo em vista pensar historicamente o espaço de referência comum dos três contos apresentados. Para isso, o manicômio é abordado em diálogo com Goffman e Foucault como espaço físico, totalitário e regido por uma lógica de poder, revisitando-se as condições históricas que favoreceram a inauguração do Hospital de Pedro II em 1841, o primeiro hospício para alienados no Brasil. Dividido em três subtópicos (*Colônia Juliano Moreira, Sanatório Pinel e Hospital Colônia de Barbacena*), este capítulo explora as condições históricas que permitiram a construção desses três modelos de instituições manicomial, tendo em vista que cada um deles abrigou uma das três protagonistas de cada conto.

O terceiro e último capítulo **Memórias do Calabouço** aborda a fundamentação teórico-metodológica da criação dos contos. Os três primeiros subtópicos demonstram os procedimentos de pesquisa e informações teóricas que sustentam a história por trás dos contos literários, ou seja, esses três subtópicos elucidam as fontes, materiais bibliográficos e as histórias reais que possibilitaram a construção da obra. O último subtópico *3.4 O uso da obra “Memórias do Calabouço” para o ensino de História* apresenta a proposta didática para utilização no contexto escolar. Nesse sentido, esse subtópico justifica a aplicação ou utilização - ainda que essa parte prática não tenha sido o objetivo deste trabalho - da obra no ensino de História, além da criação de atividades de orientação teórico-prática voltadas para professores e estudantes que queiram aprender/ensinar sobre a história manicomial do Brasil explorando os contos.

A proposta da criação de uma obra literária e histórica como produto a ser trabalhado na sala de aula, é devedora das minhas experiências nas disciplinas de licenciatura e estágios supervisionados realizadas durante o curso de história. Sobretudo dialoga com o incômodo ao constatar que, durante o meu estágio de observação, em todas as escolas nas quais estagiei, o livro didático era a referência exclusiva para o desenvolvimento do conhecimento.

Sendo assim, ao entender o conhecimento histórico como um caminho repleto de possibilidades, encontrei na Literatura uma alternativa didática com potencial para proporcionar aos alunos uma experiência que os instigue a participar da produção histórica com ou sem a mediação do professor, em sala de aula.

Desta proposta surgiu *Memórias do Calabouço*, uma obra criada com o intuito de fazer refletir, instigar, sensibilizar e produzir conhecimento sobre uma temporalidade, uma espacialidade e temática específicas. Espera-se que os leitores sejam capazes de reconhecer no trabalho de conclusão de curso, e do livro de contos elaborado, um potencial de instigar a consciência crítica, mas também uma porta de entrada ou de continuidade para o universo literário e também histórico.

1. HISTÓRIA E LITERATURA

Foi na segunda metade do século XIX que a História abraçou os procedimentos científicos e se tornou uma disciplina escolar e acadêmica. Nesse período, o fazer histórico caracterizou-se pela busca da objetividade privilegiando fontes oficiais e pautada no compromisso com “o concreto e o real, ou seja, com um passado reconstruído perfeitamente e de forma fidedigna, sem espaço para a imaginação ou a subjetividade do historiador”⁸.

Dessa forma, os historiadores do século XIX defendiam que os documentos oficiais do Estado (decretos, relatórios, atas públicas) eram as fontes históricas a serem utilizadas pelos historiadores. Para além disso, a História estaria interligada somente “a fatos políticos e dos grandes atores históricos, reis, generais, excluindo das narrativas os homens comuns”⁹.

O historiador Leopold Von Ranke – principal representante do historicismo alemão - também possui suas contribuições no campo da historiografia. Para ele, era possível a construção de um fazer histórico baseado na neutralidade, objetividade e na transposição dos fatos, de tal modo como eles ocorreram, a partir do rigor metodológico. Ranke e os seus seguidores historicistas:

Acreditavam que, se adotassem uma atitude de distanciamento de seu objeto, sem manter relações de interdependência, obteriam um conhecimento histórico objetivo, um reflexo fiel dos fatos do passado, puro de toda distorção subjetiva¹⁰.

Ao considerar a História baseada na razão e objetividade, para os historicistas não existia espaço para o imaginário e a subjetividade do historiador. Por isso, a Literatura - por enquanto - era considerada oposta à História, de modo que o fazer literário foi caracterizado como ficção e verossímil, sem nenhuma possibilidade de aproximação com a proposta de uma ciência perseguida naquele momento que apelava à razão e afugentava a imaginação.

Porém, a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* fundada em 1929 pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre propõe uma ruptura do modelo tradicional da historiografia metódica. De acordo com esses dois autores, à História não cabe um caráter

⁸ GRECCO, G. L. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 6, p. 39-53, 2014.

⁹ Ibidem, 2018, p.2

¹⁰ GERMINATTI, Fernando Tadeu. MELO, Alessandra de. O conhecimento histórico e a busca pela verdade: uma leitura da subjetividade e da objetividade na dualidade entre sujeito e objeto. **Research, Society and Development**, v. 7, n. 5, p. 01-12, 2018.

apenas objetivo, pois o historiador precisa interpretar as fontes e ampliá-las, ao invés de permitir a mera transposição dos fatos ou o uso exclusivo de fontes escritas e oficiais do Estado¹¹. De modo que,

[...] a história deve instigar nos textos aquilo que eles não dizem explicitamente. Seu intuito era escrever a história sob uma nova perspectiva, que não fosse mais uma simples narrativa dos grandes acontecimentos. Marc Bloch e Lucien Febvre sentiram necessidade de buscar respostas para a realidade que se impunha, renovando o discurso historiográfico. Os *Annales* faziam uma crítica política da história tradicional, como sendo uma história apenas das elites e do poder que desconsiderava a história da maioria¹².

A partir de Bloch e Febvre, diversos outros historiadores contribuíram para o processo de renovação historiográfica. Jacques Le Goff, Fernand Braudel e Pierre Nora são alguns dos nomes responsáveis por romper com a história positivista na França e que tiveram influência sobre a historiografia brasileira. Segundo Le Goff, o conceito do *documento* também precisava ser ampliado, pois ao contrário do pensamento positivista, o documento não é somente o texto escrito, mas pode ser também “documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira¹³”.

Além disso, Le Goff define que o documento também sofre mudanças qualitativas e quantitativas. Isso porque, segundo ele, a memória e a história não se restringem à história dos grandes homens, à ação política e militar, mas por todos os homens dentro da historiografia¹⁴. Por fim, há o rompimento da ideia de uma história linear, pois “em lugar do fato que conduz ao acontecimento e a uma história linear, a uma memória progressiva, ela privilegia o dado, que leva à série e a uma história descontínua¹⁵”.

¹¹ *Ibidem*, p.6.

¹² *Ibidem*, p.6.

¹³ SAMARAN, Charles. 1961, p. XII citado por LE GOFF, 1990, p.466.

¹⁴ “Retornando aos aspectos paradigmáticos do historicismo, é oportuno destacar a sua ligação estreita com uma História (da) Política (isto é, uma História da Política ainda no sentido estreito, exclusivamente referente ao âmbito do Estado e do confronto entre Estados). De fato, os livros de Ranke – principal representante do historicismo alemão – têm sempre como tema central as relações que se estabelecem entre os estados, seja através da guerra ou da diplomacia. As nações, em Ranke, são sempre compreendidas no interior dos estados; este será um tema particularmente importante para os historicistas, conforme mostrou Wolfgang Mommsen em seu estudo sobre a transformação da ideia de nação na historiografia alemã.²⁷ Para além disto, trata-se de uma história das elites, ou dos povos conduzidos pelas elites, e há certamente numerosas passagens rankeanas em torno daquilo que se convencionou chamar de “História dos Grandes Homens”. A História (da) Política elaborada pelo historicismo alemão de inspiração rankeana é também uma História (dos) Políticos. Não faltam retratos pessoais dos reis, descrições da corte e menções aos ministros e demais políticos.” BARROS, José D'Assunção. Objetividade e subjetividade no conhecimento histórico: a oposição entre os paradigmas positivista e historicista, **Revista Tempo, Espaço e Linguagem** (TEL), v.1, n.2, maio/ago. 2010, p.73-102. p .92.

¹⁵ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al.. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p.468.

Com relação ao documento e a ampliação de fontes históricas, a *História Cultural* - surgida no final do século XX - e a *Nova História Cultural* são movimentos historiográficos que se propuseram a explorar uma diversidade de fontes, sob novas proposições teórico-metodológicas. Isso porque, os objetos da História Cultural não se restringem ao campo historiográfico, mas abordam a arte e literatura¹⁶.

Nesse sentido, observa-se que a História se (re) aproxima da literatura, na medida em que esta última é considerada como “[...] significativa fonte de análise das diferentes visões de mundo que o homem apresentou em cada tempo e espaço”¹⁷. Logo, o texto literário deixa de ser compreendido como algo meramente ficcional e sem utilidade e torna-se elemento de análise para a historiografia, de modo que por meio da Literatura “[...] pode-se entrever “práticas, costumes, tensões, cotidianos e modos de ser, pensar e fazer das pessoas, ou seja, a configuração de uma sociedade”¹⁸”.

Conforme Nunes (2016), apesar do texto literário não representar um compromisso com a realidade fora dele, ele possibilita “desvelar comportamentos omitidos, fazer falar sujeitos silenciados, indicar outras fontes que possam conduzir o trabalho do historiador para uma visão mais complexa e holística dos acontecimentos”¹⁹.

História e Literatura possuem características que as aproximam, apesar de seus objetivos distintos. A primeira consiste na ideia de que assim como o texto literário, o historiador, na construção do conhecimento histórico, é cercado de subjetividades. A subjetividade “é parte integrante na reconstrução de um passado, feito através da escrita histórica, de modo que o historiador tem um discurso que emerge de um contexto social e suas representações são construídas a partir da sociedade em que vive”²⁰.

Para além da subjetividade, a narrativa é também uma característica do texto literário, utilizado pela História. Segundo Seixas, ao utilizar-se da narrativa na produção do

¹⁶ BARROS, José D'Assunção. **História Cultural**: um panorama teórico e historiográfico. Textos de História (UnB), Brasília, v. 11, n.1/2, p. 145-171, 2003.

¹⁷ GRECCO, *op.cit.*, p.42.

¹⁸ NUNES, Maria Lúcia da Silva; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. Reflexões em torno da relação entre História e Literatura. **Quaestio** - Revista de Estudos em Educação, Sorocaba, SP, v. 18, n. 3, 2016. Disponível em: <https://uniso.emnuvens.com.br/quaestio/article/view/2853>. Acesso em: 16 ago. 2024, p.794.

¹⁹ *Ibidem*, 2016. p.797.

²⁰ GRECCO, *op.cit.*, p.49.

conhecimento histórico, o historiador aproxima-se da Literatura, pois ambas usam o discurso escrito para transmitir sua mensagem²¹.

De acordo com Hayden White, o historiador produz interpretações dos vestígios do passado. Nesse sentido, tais interpretações são apresentadas em formato narrativo, pois para o autor sem a narrativa, não existe discurso histórico. Logo, para ele, o ato de transformar acontecimentos em narrativa, aproxima a operação historiográfica da literária²².

Portanto, cabe compreendermos no próximo tópico as semelhanças e diferenças entre as narrativas literárias e históricas. Isso porque, este trabalho objetiva não apenas utilizar-se dos elementos narrativos para apresentar um conteúdo histórico, mas também abordar conhecimentos históricos para a construção de contos que dialoguem com os dois campos.

1.1 Narrativas literárias e históricas.

Segundo Pesavento (2006)²³, os discursos literários e históricos são formas distintas de representar o real. Nesse sentido, a autora define que ambas as narrativas constroem representações do mundo, mas possuem métodos e características que as diferenciam. Tais diferenciações serão discutidas ao longo deste tópico.

Em primeiro lugar, a narrativa no contexto historiográfico foi considerada por diversos historiadores do século XX como uma deslegitimação do caráter científico da História. Isso porque, segundo Assis (2012)²⁴, tais autores argumentavam que a narrativa, a subjetividade e a ficção eram características restritas à Literatura.

Foi somente a partir da década de 1970 que a narratividade retomou seu discurso historiográfico. De acordo com Lawrence Stone²⁵ em seu artigo *O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha História*, ao historiador não cabia apenas o papel de contar os fatos, mas também que ele propusesse estilo à sua escrita e uma intencionalidade na forma de fazê-lo. Além disso, “a narrativa é fundamental por ter a capacidade de articular os traços da

²¹ SEIXAS, Katia Patrícia Santos. **Um olhar sobre o outro : estimulando a empatia por meio de contos no ensino de história**. 2020. 137 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

²² SEIXAS, *op.cit.*, p.60.

²³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, p.11-28, 2006. Disponível em: <https://nuevomundo.revues.org/1560> Acesso em 14 de Setembro de 2024.

²⁴ ASSIS, G. L. Hayden White entre a história e a literatura. **Albuquerque**: Revista de História, Campo Grande, MS, , v. 4, p. 131 - 151, 02 jul. 2012.

²⁵ STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha História. In: **Revista de História**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991, p. 13 - 46. Dossiê História-Narrativa.

experiência temporal, isto é, o tempo só se mostra inteligível para o homem na medida em que ele é pensado de modo narrativo”²⁶.

O historiador Peter Gay defende o estilo literário como pertinente à produção do historiador. Segundo o autor, “o historiador de ofício é ao mesmo tempo um escritor e um leitor que, em ambos casos, é profissional.”²⁷, por isso para Gay a construção de frases, a divisão narrativa e a retórica são elementos característicos da produção historiográfica.

Nesse sentido, a narrativa histórica constitui-se no compromisso com a verdade, ou seja, ela busca por meio das fontes, arquivos e métodos de pesquisa, narrar os fatos de tal modo como eles ocorreram. Desse modo, o historiador é ao mesmo tempo um narrador, na medida em que:

[...] ele reúne os dados, seleciona, estabelece conexões e cruzamentos entre eles, elabora uma trama, apresenta soluções para decifrar a intriga montada e vale-se das estratégias de retórica para convencer o leitor, com vistas a oferecer uma versão o mais possível aproximada do real acontecido²⁸.

Em contrapartida, a narrativa literária não possui o mesmo propósito da busca pela verdade e o uso de fontes ou rigor metodológico na sua produção textual. Isso porque, a Literatura ancora-se na ficcionalidade, ou seja, naquilo que poderia ter acontecido, no sentido imaginário de determinada situação, ao mesmo tempo que se torna uma representação do real, pois também:

[...] permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a Literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma²⁹.

Como nos sugere o trecho acima, a literatura exprime os valores, a sensibilidade e a representação de uma determinada época. Nesse sentido, ela se torna uma fonte histórica na medida em que se caracteriza como testemunho ou documento histórico “que, de forma indireta, fala do mundo, através de uma linguagem metafórica e alegórica³⁰”.

²⁶ OLIVEIRA, C. E. F. **Narratividade e conhecimento histórico:alguns apontamentos.** *Histórica* (São Paulo. Online) , v. 15, p. 2, 2006.

²⁷ GAY, 1990 apud OLIVEIRA, p.3, 2006.

²⁸ PESAVENTO, *op.cit.*, p.15.

²⁹ PESAVENTO, 2004, p. 82-83 apud NUNES, Maria L.S.; FIALHO, Lia M.F; MACHADO, Charliton J.S, 2016, p.801.

³⁰ GRECCO, *op.cit.*, p.123.

Do mesmo modo, o texto literário - assim como o histórico - precisa ser coerente e convincente para os seus leitores. Diante do universo criado pelo escritor, há a necessidade da verossimilhança entre a história, os personagens e o enredo, pois:

[...] a Literatura poderá ser verossímil desde que as estruturas estejam bem explicadas dentro daquele espaço que elas possuem para se apresentarem. Lembremos que a Literatura é arte, e, como tal, não tem compromisso com o real³¹.

Nesse sentido, a Literatura utiliza-se do/(re)elabora o imaginário para a construção da coerência no seu texto literário, enquanto a História restringe-se ao uso das fontes e dos métodos de pesquisa. Segundo Pesavento (2006), a versão do passado proposta pelo historiador deve ser comprovada e testada “submetida à testagem, pela exibição das fontes, bibliografia, citações e notas de rodapé, como que a convidar o leitor a refazer o caminho da pesquisa se duvidar dos resultados apresentados³²”.

Em síntese, tanto a História como a Literatura são narrativas que - apesar de possuírem discursos distintos - apreendem a ação humana dentro de um determinado espaço e tempo, recheada de significações e interpretações. Se anteriormente ambas as disciplinas eram vistas como opostas, hoje se consolidaram discussões teóricas e práticas que as aproximam, tais como a proposta desse trabalho que objetiva abordar o ensino e pesquisa de História, por meio da produção de contos literários e o uso deles no desenvolvimento da sensibilidade/empatia referente ao assunto abordado e também a consciência histórica e pensamento crítico. A escolha do gênero literário nos leva a outra discussão relevante para este trabalho.

1.2 A origem do conto no Brasil.

Temístocles Linhares, historiador e crítico literário, define o conto como sendo uma narrativa curta que “relata um episódio num tempo reduzido, com poucas personagens, que existem em função de um núcleo e que pode ter um caráter real ou fantástico, da mesma forma que o tempo pode ser cronológico ou psicológico³³”.

O escritor argentino Júlio Florêncio Cortázar caracterizou o conto como uma narrativa capaz de expressar diferentes visões de mundo e provocar sentimentos diversos no leitor

³¹ ANDRADE, Lílian Gonçalves de. Narrativa histórica e narrativa literária: pontos e contrapontos. **BIBLOS** - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, [S. l.], v. 17, p. 23–31, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/95>. Acesso em: 25 ago. 2024.

³² PESAVENTO, *op.cit.*, p.19.

³³ SEIXAS, *op.cit.*, p.23.

através de seus personagens. Além disso, “o contista deve condensar o tempo e o espaço ao criá-lo, pois precisa elaborar sua narrativa e exibir todo o seu propósito em um texto curto³⁴”.

No Brasil, o conto ganhou popularidade a partir do surgimento da imprensa no século XIX. Isso porque, com a chegada da família real portuguesa em 1808, instaurou-se o primeiro jornal brasileiro, *A Gazeta do Rio de Janeiro* e por meio dos periódicos “passam a circular com publicações de contos, novelas e romances, o que perdurou até o início do século XX³⁵”.

Joaquim Norberto de Sousa e Silva foi considerado o pai do conto brasileiro, devido ao seu texto “As Duas Órfãs”, publicado em 1841³⁶. A obra, ambientada em Pernambuco durante as Guerras de Holanda contra o Brasil, narra a história de duas primas orfãs, Isabel e Mariana, que disputam o amor de um homem, Dinis Gonçalves.

Além de Norberto, outro contista considerado precursor do gênero foi Álvares de Azevedo (1831-1852) com a publicação de *Noites na Taverna* (1855). A narrativa se desenvolve em uma taverna, onde um grupo de jovens se reúnem para compartilharem histórias macabras e misteriosas.

Entretanto, foi o escritor Machado de Assis quem popularizou o conto no país. Segundo Seixas (2020), Assis escreveu mais de 200 contos que retratam a sociedade brasileira imperial e os fatos históricos de sua época, por meio das vivências de seus personagens³⁷. *A Cartomante*, *Pai Contra Mãe* e *Conto de escola* são alguns exemplos de seus contos mais famosos. Além do clássico *O Alienista* - considerado conto para alguns críticos literários e novela para outros - que dialoga, especialmente, com a temática da loucura, objeto de estudo deste trabalho.

Machado parece ter sido o primeiro autor a estampar na capa de um livro a palavra “conto”, com a publicação desse volume em que recolhia histórias publicadas ao longo da década de 1860 no mesmo *Jornal das Famílias*. Tanto o livro como o jornal, com sua longeva seção “Romances e novellas”, foram publicados por Baptiste Louis Garnier, o que por si só é sugestivo do papel que o editor teve, junto com Machado, na definição do conto moderno no Brasil³⁸.

Para além de Machado de Assis, diversos outros contistas surgem para representar uma literatura brasileira cada vez mais enriquecedora no âmbito do gênero conto. Tais nomes como

³⁴ SEIXAS, *op.cit.*, p.24.

³⁵ FERREIRA, Y. N. . **O conto, da tradição à contemporaneidade: um exemplo em Luiz Vilela**. TEIAS (RIO DE JANEIRO. IMPRESSO) , v. 20, p. 301-319, 2019.

³⁶ SEIXAS, *op.cit.*, p.28.

³⁷ SEIXAS, *op.cit.*, p.29.

³⁸ GUIMARÃES, Hélio de Seixas e CAMILO, Wagner (orgs.). **Introdução ao conto romântico**. In: O sino e o relógio – uma antologia do conto romântico brasileiro. São Paulo, Carambaia, 2020, 416 págs.

Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Rubem Fonseca são alguns exemplos de autores que marcaram uma geração.

Inclusive, Guimarães Rosa foi um dos escritores a abordar a temática manicomial em um de seus contos. Em *Sorôco, sua mãe, sua filha*, o protagonista Sorôco é um homem humilde que cuida da mãe e da filha acometidas por uma “loucura”, influenciado pela sociedade que não as compreende e sem condições de acolhê-las, ele interna as duas no hospício de Barbacena. Ao final, o conto termina com a solidão e o sofrimento de Sorôco, mas também com a união e resistência da comunidade que entoia o mesmo cântico que as duas costumavam cantar.

Nesse sentido, o conto assume uma função importante no hábito da leitura e na reflexão e empatia com os eventos ali narrados e os personagens experimentados. Por ser uma narrativa curta, mas dotada de significados, reflexões e capacidade do desenvolvimento crítico e da consciência histórica, cabe portanto, identificar os motivos que consideram esse gênero como uma ferramenta útil para o ensino e pesquisa em História.

1.3 O uso do conto no ensino de História.

O historiador José d’Assunção Barros (2019)³⁹, define como fonte histórica tudo o que foi produzido pelo ser humano e que possa trazer vestígios de sua ação e interferência no tempo, de modo que permita a “compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente⁴⁰”.

Segundo Barros (2019), são fontes históricas documentos textuais (crônicas, jornais, obras de literatura), assim como todo e quaisquer outros registros e materiais capazes de fornecer testemunho ou informações sobre o passado humano, do vivido e daquilo que seja relevante ao historiador, no tempo presente⁴¹.

Nesse sentido, entre os diversos tipos de fontes possíveis para a construção do conhecimento histórico, as fontes literárias são uma alternativa para extrair vestígios e vivências do passado. Isso porque, elas podem representar um determinado período histórico, seus hábitos e costumes sociais, além de permitirem:

[...] um acesso diferenciado ao imaginário de um tempo, de uma época, pois, permitem ao historiador perceber traços que outras fontes não dariam conta,

³⁹ BARROS, José D'Assunção . **Fontes Históricas - uma introdução aos seus usos historiográficos**. In: 2º Encontro Internacional 'História & Parcerias', 2019, Rio de Janeiro. 2º Encontro Internacional 'História & Parcerias'. Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2019. p. 1-17.

⁴⁰ BARROS, *op.cit.*, p.1.

⁴¹ BARROS, *op.cit.*, p.2.

como por exemplo: o contexto no qual a obra foi escrita ou a intencionalidade de produção⁴².

O gênero textual conto se enquadra como sendo uma fonte literária, não útil somente para a operação historiográfica, mas também no processo de ensino e aprendizagem. Isso porque, a Literatura é uma forma de expressão artística que contribui “[...] para a formação do indivíduo como sujeito social, visto que desperta a sensibilidade, a emoção para a transcendência do que é a sua realidade⁴³”.

No campo do ensino de história, com a sua capacidade de representação/instituição do real ou do contexto histórico de produção de suas obras, a Literatura também se tornou uma ferramenta útil para a construção do conhecimento histórico dos alunos. Isso porque, conforme observaram Glória Solé, Diana Reis e Andreia Machado, o uso literário:

[...] contribui para a organização de sequências cronológicas; ajudam a compreender as mudanças através dos tempos, a duração de certos acontecimentos, as causas e os efeitos dos eventos/acontecimentos; permitem identificar as semelhanças e diferenças entre vários períodos e distinguir o passado e o presente; contribuem para promover o desenvolvimento da linguagem de tempo⁴⁴.

Por sua vez, a História enquanto ciência e disciplina escolar também assume um importante papel de caráter formativo e crítico dos cidadãos. Pereira (2022) e Gomes (2022) defendem que conhecer a história está associado à formação da identidade social do indivíduo, do pensamento crítico e a capacidade de se reconhecer como sujeito histórico. Logo, aquele que não conhece a história, não é capaz de compreender o mundo em que vive, as suas relações sociais, culturais, rupturas, avanços e retrocessos.

Cabe, portanto, ao ensino de História o uso de metodologias que priorizem o aluno como o centro do desenvolvimento histórico. Desse modo, o desafio é não considerar o estudante na posição de mero receptor, atrelado à proposta de uma educação bancária, e reconhecê-lo como agente da História. Consequentemente, “[...] isso modificará como ele compreende os contextos históricos, modificando sua compreensão de mundo, bem como a

⁴² OLIVEIRA, Cristiane Reis Mattos de. **Contos da África lusófona: fontes literárias para o ensino de História**. 76p. Dissertação (Mestrado Profissional em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

⁴³ FREITAS, Ângela Maria Xavier. A importância do uso da Literatura como recurso facilitador no processo de aprendizagem. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 06, nº 01, p. 98-110, 2020.

⁴⁴ SOLÉ, Glória; REIS, Diana; MACHADO, Andreia. Potencialidades didáticas da literatura infantil de ficção histórica no ensino de história. **História & Ensino**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 7-34, jan./jun. 2014.

relação dele com o estudo da disciplina, deixando de ser apenas expectador e passando a ser agente criador da história⁴⁵”.

Ainda segundo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “Os processos de identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto estimulam o pensamento⁴⁶”. Nesse sentido, emerge a necessidade de metodologias que priorizem o estímulo crítico dos estudantes.

Desse modo, o uso dos contos literários em História é uma metodologia de ensino e aprendizagem que foge do modelo factual e linear, muitas vezes reproduzidos nas escolas e nos livros didáticos, além de ser uma narrativa concisa. Esta característica do conto, a propósito, dialoga com a aceleração da vida, naquilo que o filósofo Zygmunt Bauman chamou de modernidade líquida⁴⁷, quando os estudantes e professores se vêem cercados por informações rápidas e a fugacidade temporal. Logo, a fim de estimular o interesse dos alunos, optou-se pelo trabalho com contos literários, pois:

Justamente, nesse caminho que sugerir o uso da literatura como fonte histórica em sala de aula se apresenta como mais uma ferramenta, para despertar no aluno as diferentes percepções de tempo, não de maneira imediatista ou/e instantânea, mas através da compreensão do que foi vivido, experimentado ou do que se espera viver⁴⁸.

Outra característica relevante é a questão da linguagem. Isso porque a proposta desse trabalho de conclusão de curso é voltada para turmas de 9º ano do Fundamental II e Ensino Médio, fase em que se mantém e busca garantir a permanência pelo gosto e o hábito de leitura, de modo que tais alunos sintam-se partes do processo de leitura e compreendam aquilo que leem, por isso o papel da linguagem em garantir uma comunicação que considere o contexto social do aluno e a sua capacidade de compreensão e interpretação.

Já dentro do âmbito da História enquanto disciplina, os diferentes tipos de linguagens (documentos, música, vídeos, livros, etc) influenciam na proposição do conhecimento histórico crítico e que faça do aluno parte conjunta do processo de ensino e aprendizagem. Logo,

O aluno, exposto aos mais diversos estímulos na sociedade da qual a escola faz parte, não mais aceita ser um sujeito passivo no processo de ensino-aprendizagem. Em decorrência desse aspecto, o professor de História tem ampliado o uso de novas fontes e linguagens no ensino da disciplina na

⁴⁵ PEREIRA, H. M. ; GOMES, J. P. O. Importância do ensino de história na formação do estudante como indivíduo. **Veredas da História**, v. 15, p. 9-20, 2023.

⁴⁶ BRASIL, 2018, p. 398.

⁴⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

⁴⁸ OLIVEIRA, *op.cit.*, p.27.

Nesse sentido, a ação da construção de contos literários e, principalmente, históricos realizados pelos próprios alunos também permite problematizar o fazer histórico. De modo que o aluno ao se tornar sujeito ativo no ofício do Historiador, por meio do trabalho de pesquisa, fontes, metodologias e interpretação, consegue reconhecer a importância da História, o seu caráter científico e as possibilidades de aplicação do conhecimento histórico em diferentes tipos de linguagens, tendo como enfoque principal: a Literatura e a leitura e produção de contos. Mas de qual história estamos falando, afinal? Da história manicomial no Brasil.

⁴⁹ MEDEIROS, Elisabeth Weber. Ensino de História: fontes e linguagens para uma prática renovada. **VIDYA**, v. 25, n. 2, p. 59-71, jul/dez, 2005 - Santa Maria, 2007.

2. OS MANICÔMIOS NO BRASIL

Na obra *Manicômios, prisões e conventos* (1974)⁵⁰ Goffman caracterizou o que seriam as instituições totais. Esse modelo de instituição, segundo o autor defende, se configura pelo isolamento social com o mundo externo, fisicamente e socialmente, regido por regras, normas e agentes de controle, os quais comandam os corpos e as vidas desses indivíduos.

Esse controle está diretamente associado com as relações de poder. Isso porque, conforme nos ensinou Foucault, “as relações de poder constituíam o *a priori* da prática psiquiátrica. Elas condicionavam o funcionamento da instituição asilar, aí distribuíam as relações entre os indivíduos, regiam as formas de intervenção médica⁵¹”. Sendo assim, as instituições psiquiátricas e o saber médico-científico exerceram seu poder legitimador daqueles considerados “loucos”, atribuindo à psicologia o papel de internação e diagnóstico.

Desse modo, os corpos sociais considerados adoecidos perpassam por uma lógica colonialista, ideológica, política, racial e de gênero. Pois, de acordo com Zacharias (2021)⁵², os corpos desviantes dos manicômios eram de mulheres, pobres, pretos, prostitutas, vadios, bêbados, sexualmente ativos (sífilis) e loucos, além de “rebeldes” políticos. Portanto, esses espaços totalitários cumprem o seu objetivo de exclusão e controle, “um depósito de pessoas consideradas indesejáveis aos olhos da sociedade”⁵³.

No Brasil, a história das instituições manicomiais tem início com a criação do Hospício de Pedro II, o primeiro hospício brasileiro, inaugurado no ano de 1852 após a assinatura do decreto de nº82 pelo imperador vigente, D. Pedro II⁵⁴. Tal instituição foi importante para o controle social da figura do louco e os perigos que ele representava para o convívio em sociedade. Entretanto, convém delimitarmos qual o lugar do louco, antes da formação das primeiras instituições manicomiais no país.

Segundo Guedes (2019), após a chegada dos portugueses no Brasil, a família era a principal responsável pelos cuidados contra a loucura. Nesse sentido, aqueles que detinham de

⁵⁰ GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

⁵¹ FOUCAULT, 1990, p.127 *apud* BUENO, 2011, p.11.

⁵² ZACHARIAS, Anna Carolina Vicentini. **Stella do Patrocínio: da internação involuntária à poesia brasileira**. recurso online, Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. p.364, 2020.

⁵³ GUEDES, Alexandre Maciel. **Violência Manicomial: a psiquiatria na repressão durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ, p.150. 2019.

⁵⁴ GUEDES, *op.cit.*, p.20.

melhores condições financeiras, eram enviados para instituições psiquiátricas europeias, enquanto aos pobres o destino eram as ruas, delegacias em casos de perturbação ou às Santas Casas de Misericórdia.

Inclusive, em 1808 com a chegada da Corte portuguesa no país, as Santas Casas de Misericórdia se concretizaram como o destino oficial daqueles considerados loucos. A partir disso, a “[...] violência também se fazia presente, com os loucos tidos como mais agitados sendo sujeitados à privação de alimento e castigados fisicamente”⁵⁵.

Logo, com a transferência da corte portuguesa para o Brasil, como a capital, a cidade do Rio de Janeiro sofre um amplo processo de urbanização e transformações socioeconômicas e políticas. Conseqüentemente, aqueles considerados desviantes perpassam por uma lógica de higienização e limpeza social, pois representavam o oposto da paisagem urbana carioca, haja vista que:

O início da urbanização, premissa e conseqüência dessa transformação, mudou a fisionomia do Rio de Janeiro, de Ouro Preto e Salvador (únicas cidades brasileiras dignas de serem consideradas “urbanizadas”) e, por outro lado, criou, ampliou e expôs novos problemas sanitários⁵⁶.

Nesse sentido, em junho de 1829 surge a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, um espaço de debate sobre a saúde pública e a medicina. Em 1830 a Sociedade de Medicina publica um relatório, que propõe a formação de um local específico para o tratamento da loucura.

O provedor-geral da Santa Casa de Misericórdia, José Clemente Pereira, foi quem apoiou a proposta da classe médica. Com isso, tem-se a formação do primeiro hospício no país, o Hospício de Pedro II .

Desejando assignalar o fausto de Minha Sagração com a criação de um estabelecimento de publica beneficencia: Hei por bem fundar um Hospital destinado privativamente para tratamento de alienados, com a denominação de - Hospicio de Pedro Segundo -, o qual ficará anexo ao Hospital da Santa Casa de Misericórdia desta Côrte, debaixo da Minha Imperial Protecção, Apilicando desde já para principio da sua fundação o produto das subscrições promovidas por uma Commissão da Praça do Commercio, e pelo Provedor da sobredita Santa Casa, além das quantias com que Eu houver por bem contribuir⁵⁷.

⁵⁵ GUEDES, *op.cit.*, p.21.

⁵⁶ JUNIOR, Luis Salvador Miranda Sa. Breve histórico da psiquiatria no Brasil:do período colonial à atualidade. *Rev Psiquiatria*, RS. 2007;29(2):156-158.

⁵⁷ BRASIL. Decreto nº82, de 18 de julho de 1841. In: *Collecção de leis do Império do Brasil*. vol. 1, p.36. 1841.

Todavia, a partir do fim do período imperial e início da República, o Hospício de Pedro II mudará de nome, sendo chamado de Hospício Nacional de Alienados, e será desanexado da Santa Casa de Misericórdia, além da criação da Assistência Médico-Legal dos Alienados⁵⁸.

Desde a criação do primeiro hospício brasileiro, o cenário de superlotação se fez presente, sendo necessário a construção de Colônias⁵⁹. As Colônias objetivaram a separação entre os casos de internos curáveis e os considerados incuráveis que “eram remanejados para as Colônias, onde eram submetidos a regimes de trabalho braçais, indo desde os trabalhos agrícolas, até as atividades artesanais”⁶⁰.

Entre os anos de 1903 até 1930, diversas colônias foram construídas para alocar os casos de pacientes irrecuperáveis e classificá-los de acordo com suas moléstias mentais, tais como: alcoólatras, epilépticos, homossexuais, etc. Entre tais instituições, tem-se o Hospital Colônia de Barbacena (1903), a Colônia de Alienados do Engenho de Dentro-RJ (1911) e a Colônia de Psicopatas Homens de Jacarepaguá (1924), posteriormente nomeada de Colônia Juliano Moreira, em homenagem ao seu idealizador, médico e psiquiatra brasileiro.

2.1 Colônia Juliano Moreira.

O médico e psiquiatra Juliano Moreira (1873-1933) foi responsável pelas reformas psiquiátricas e assistência pública a alienados e, principalmente, na construção das colônias agrícolas. Em 1911, o psiquiatra conquistou a autorização para a implantação de uma colônia, localizada no Engenho de Dentro. No entanto, foi somente em 1919 que deu início o processo de transformação do espaço que era uma antiga Fazenda Engenho Novo da Curicica em uma instituição psiquiátrica, após o terreno ser desapropriado pelo Governo Federal em 1912. Nesse sentido, “[...] o bairro de Jacarepaguá do início do século XX, zona rural e com ampla área verde, atendia às especificações para construção de um asilo colônia”⁶¹.

⁵⁸ GUEDES, *op.cit.*, p.36.

⁵⁹ “Do ponto de vista do modelo assistencial, a implantação das chamadas colônias agrícolas no Brasil estava fundamentada sob a convicção de que a laborterapia consistia na melhor estratégia de tratamento dos doentes mentais. Para a psiquiatria do final do século XIX e início da República era necessário evitar a ociosidade, considerada perniciososa ao espírito do louco. Por meio do trabalho, retirar-se-ia o louco de sua condição de criatura inútil, possibilitando a canalização da sua agressividade e, conseqüentemente, a cura”. C.f: ASSIS, Elizeu Antônio de. **Exilados na pátria; o tratamento de alienados no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, 1903-1979**. São Paulo, Dialética, 2021.

⁶⁰ GUEDES, *op.cit.*, p.37.

⁶¹ VENANCIO, Ana Teresa Acatauassú; POTENGY, Gisélia Franco (org.). **O asilo e a cidade: histórias da Colônia Juliano Moreira**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

O Colônia Juliano Moreira (CJM) foi inaugurado no ano de 1924, localizado no bairro da Taquara, em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. De acordo com Zacharias (2021), a escolha do local foi estratégica, devido ao seu distanciamento das áreas turísticas e urbanas da cidade, por causa da defesa de que os manicômios deveriam ser construídos em zonas mais distantes.

Sobre a estrutura física do Colônia, cada núcleo continha vários pavilhões para os internos. O Núcleo Rodrigues Caldas⁶² e o Núcleo Ulisses Vianna⁶³ foram os primeiros pavilhões, destinados exclusivamente para o sexo masculino, de modo que o Rodrigues Caldas foi construído para servir à lavoura com capacidade inicial de 600 pacientes⁶⁴.

A partir de 1936, o Colônia Juliano Moreira sofreu uma expansão na sua infraestrutura com a criação de novos pavilhões, necrotério, farmácia, enfermaria, cozinha, laboratórios e o Núcleo Franco da Rocha, destinado exclusivamente para internação de mulheres. Nesse sentido, o Colônia Juliano Moreira ficou conhecido como “a cidade dos loucos”, pois recebeu diversos casos de internações e transferências manicomialis de diferentes regiões do país.

O Colônia Juliano Moreira adotava práticas de eletrochoque⁶⁵ e lobotomia⁶⁶, mas também a praxiterapia, ou seja, o trabalho como finalidade terapêutica. Isso fica evidente logo na entrada da instituição, por meio da frase originalmente em latim *Praxis omnia vincit* (O trabalho tudo vence), por isso os internos exerciam diversas funções laborais sob a justificativa que era um meio de combate à desrazão.

Foi somente a partir da década de 80 com a abertura democrática e o Movimento da Luta Antimanicomial que o CJM sofreu transformações nos seus tratamentos psiquiátricos. Os

⁶² O nome do núcleo é uma homenagem ao antigo diretor do Colônia, Dr. João Augusto Rodrigues Caldas. C.f: ALMEIDA, Antônio Gouvêa. Colônia Juliano Moreira: Sua origem e um pouco de sua trajetória histórica. **REVISTA BRASILEIRA DE SAÚDE MENTAL**. Rio de Janeiro, v. 12, p. 161-169, ano 18, 1966.

⁶³ O Núcleo Ulisses Viana, posteriormente, foi nomeado de Franco da Rocha em homenagem ao Dr. Francisco Franco da Rocha, fundador do Hospital de Juquery (VENANCIO, 2015, op. cit. p.181).

⁶⁴ VENANCIO, op.cit., p.77.

⁶⁵ O eletrochoque se caracteriza “na passagem de um choque elétrico pelo cérebro de uma pessoa através da utilização de eletrodos colocados na superfície do crânio. A corrente elétrica desencadeia impulsos motores que se manifestam através de convulsões” OLIVEIRA, Walter Ferreira de. Eletroconvulsoterapia (ECT) / Eletrochoque: A produção de evidências sobre seu uso, eficácia e eficiência. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v.11, n.28, p.46-68, 2019.

⁶⁶ “A lobotomia e leucotomia foram utilizadas em pacientes de instituições asilares brasileiras, entre 1936 e 1956. Também chamadas de psicocirurgias, eram intervenções que consistiam em desligar os lobos frontais direito e esquerdo de todo o encéfalo, visando modificar comportamentos ou curar doenças mentais. A técnica, idealizada pelo neurologista português Egas Moniz em 1935 e aperfeiçoada pelo americano Walter Freeman, chegou ao Brasil por intermédio de Aloysio Mattos Pimenta, neurocirurgião do Hospital Psiquiátrico do Juquery, em São Paulo, logo seguido por outros médicos.” MASIERO, André Luis. A lobotomia e a leucotomia nos manicômios brasileiros. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 10, n. 2, p. 549–572, maio 2003.

Grupos de Escuta, O Senso e os Grupos de Trabalho⁶⁷ foram algumas ações promovidas pelos administradores do Colônia, a fim de promover um tratamento mais humanizado aos seus pacientes.

Desse modo, no Colônia Juliano Moreira após o movimento de reforma psiquiátrica, foram criados Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Reabilitação e Integração Social (CRIS) e uma Residência Terapêutica intitulada “Stela do Patrocínio”. Logo, o Colônia substituiu o modelo de longa internação e adaptou novas formas de moradia e tratamentos alternativos, ao abandonar as práticas de lobotomia e eletrochoque, por exemplo.

Todavia, foi somente no ano de 2022 que o Colônia Juliano Moreira foi finalmente desativado⁶⁸. Logo, os pacientes foram desinstitucionalizados e criadas condições para que eles pudessem retornar ao convívio familiar, morar sozinhos ou terem acesso ao serviço residencial terapêutico. Tal ação, decorrente de um processo árduo e moroso, foi importante na luta antimanicomial.

2.2 Sanatório Pinel.

Outro modelo de instituição total utilizado para o controle do corpo e da mente foi o Sanatório Pinel. Fundado pelo médico brasileiro Antônio Carlos Pacheco e Silva⁶⁹, a instituição, inicialmente uma administração privada, foi inaugurada no ano de 1929 e se constituiu “[...] como uma resposta ao crescimento da cidade da qual a elite social paulista foi financiadora e um exemplo do esforço eugenista para ordenação do espaço urbano”⁷⁰.

Diante do amplo processo de urbanização e aumento populacional, os médicos da época defendiam a tese de que o número de alienados consequentemente aumentaria. Logo, a criação

⁶⁷ ZACHARIAS, 2020.

⁶⁸ **Rio fecha o Instituto Juliano Moreira, último manicômio da cidade.** G1, Rio de Janeiro, 26/10/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/10/26/rio-fecha-o-instituto-juliano-moreira-ultimo-manicomio-da-cidade.ghtml>. Acesso em: 26/09/2024.

⁶⁹ “Antônio Carlos Pacheco e Silva (1898-1988) foi figura proeminente. No governo de Getúlio Vargas, o médico e professor da Universidade de São Paulo dirigiu o Departamento de Assistência aos Psicopatas, pertencente ao então criado Ministério da Educação e Saúde. Dedicou grande parte da sua carreira a compreender, controlar e curar hábitos e doenças mentais, desempenhando um importante papel na história da psiquiatria brasileira.” C.f: BARBOSA, Antonio Sergio Ackel. **Cartas pessoais de pacientes do Sanatório Pinel (1929-1944): um estudo filológico.** 2019. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.. Acesso em: 2024-11-02.).

⁷⁰ BARBOSA, *op.cit.*, p.30.

de novos leitos psiquiátricos se fez necessária, uma vez que a civilização era apontada como uma das causas principais dos distúrbios psíquicos, pois:

Entre as causas gerais apontadas como capazes de tornar o sistema nervoso mais vulnerável, facilitando a deflagração de distúrbios psíquicos, figura, logo na primeira plana, a civilização. Realmente, a intensidade da vida moderna, as dificuldades econômicas, a rapidez da difusão do pensamento, a vida antihigiênica das grandes coletividades, a deficiência alimentar, o ruído intenso e incessante das grandes aglomerações, a tensão de espírito permanente em que vive o homem de hoje, os hábitos de luxo, os prazeres excessivos, contribuem, indiscutivelmente, para aumentar, de modo assustador, as psicopatias⁷¹.

Outro fator que influenciou a construção do Sanatório Pinel foram as teorias eugenistas em voga no país. Segundo o pensamento eugenista, a população brasileira e o seu processo de miscigenação entre os europeus, indígenas e africanos representava o atraso civilizatório e, conseqüentemente, desencadeou diversos tipos de moléstias mentais⁷². Logo, o fundador do Pinel Dr. Pacheco e Silva foi um dos grandes adeptos da teoria eugênica e a construção do Sanatório foi influenciado por tais teorias.

Com a estrutura física inspirada no modelo dos hospitais estadunidenses, os pavilhões do Sanatório Pinel comportavam cerca de 120 pacientes, classificados por gênero e diagnósticos. Por ser uma instituição privada, membros de famílias com maior poder aquisitivo eram aqueles internados nesses locais. Entretanto, a partir de 1944, o Governo do Estado de São Paulo comprou o Sanatório Pinel, tornando-o público e gratuito e, a partir disso, atendeu diferentes grupos sociais e econômicos⁷³.

Segundo Barbosa (2019), durante o período de administração privada, o Sanatório Pinel registrou mais de 4.000 pacientes. A maioria dos casos de internação ocorriam de forma compulsória e os pacientes ali institucionalizados, escreveram cartas sob diversas razões e para diferentes pessoas, sejam elas membros familiares, para o Dr. Pacheco e Silva ou para si próprio. Com relação ao perfil dos institucionalizados, Barbosa nos informa que:

De um total de 4.673 registros existentes no Fundo, 36% referem-se a mulheres; 94% a brancos, 2% a amarelos e 2% a 'pardos, morenos ou negros'; 54% a pessoas entre 30 e 40 anos; 6% a italianos, 2% a portugueses e 1,5% a japoneses. O campo de informação mais variado do prontuário é o da profissão que vai desde comerciantes, médicos, de estudantes até funcionários

⁷¹ PACHECO E SILVA, 1951, p.34-35 *apud* PEREIRA, Bruna S. Beserra, 2016, p.67-68.

⁷² PEREIRA, Bruna dos Santos Beserra. **Entre a loucura e a norma: mulheres internadas no Sanatório Pinel (São Paulo, 1929-1944)**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.148.

⁷³ MATOS, Maria Izilda Santos de ; PEREIRA, Bruna S. Beserra. Prontuários femininos do Sanatório Pinel/SP (1929-1944). **Revista Estudos Feministas**, v. 30, p.2-3, 2022.

públicos. Nota-se ainda, que 32% dos registros de profissão das mulheres é de doméstica e 22% é de profissão não informada⁷⁴.

Com base nos resultados apresentados pelo estudo de Barbosa, nota-se que a instituição privada (até 1944) atendia à elite burguesa e branca. Em contrapartida, aqueles com condições econômicas inferiores e, majoritariamente, negros eram encaminhados para as instituições públicas como por exemplo, o Colônia Juliano Moreira ou, como veremos no próximo tópico, o Hospital Colônia de Barbacena.

2.3 Hospital Colônia de Barbacena.

A cidade de Barbacena, antes mesmo da construção da Assistência de Alienados (posteriormente, intitulado Hospital Colônia de Barbacena), já possuía um Sanatório instalado na fazenda da Caveira, extensão territorial que pertenceu ao delator da Inconfidência Mineira, Joaquim Silvério dos Reis Montenegro Leiria Grutes.

Não por acaso, Barbacena se tornou referência no tratamento mental. Abrigou cerca de sete hospitais psiquiátricos e conseqüentemente se tornou conhecida também como a “Cidade dos Loucos”. Logo, a escolha da região se deve ao fato que:

[...] à antiga crença, defendida por alguns médicos da época, de que o clima de montanha era salutar para os que carregavam doenças nervosas. Neste clima, os loucos ficariam menos arredios e, supostamente, facilitariam o tratamento⁷⁵.

Em 12 de Outubro de 1903 na cidade de Barbacena (MG), o Hospital Colônia de Barbacena foi inaugurado. A construção do local se deu após Belo Horizonte sair vitoriosa na disputa pelo título de capital do estado de Minas Gerais⁷⁶, de modo que o Hospital serviu como prêmio de consolação ao município⁷⁷, uma vez que:

A ideia de uma compensação pela perda da possibilidade de ser capital do Estado advém do fato de, naquele momento, o hospício ser considerado uma importante instituição pública e, nesse caso, a primeira do gênero em Minas Gerais, o que certamente atrairia recursos e investimentos para a cidade⁷⁸.

⁷⁴ BARBOSA, *op.cit.*, p.31.

⁷⁵ ASSIS, Eliseu Antônio de. **Exilados na pátria; o tratamento de alienados no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, 1903-1979**. São Paulo, Dialética, 2021.

⁷⁶ Para mais informações sobre o processo de transferência da antiga capital Ouro Preto para a nova capital Belo Horizonte, ver: JULIÃO, Letícia. Sensibilidades e representações urbanas na transferência da capital de Minas Gerais. **História** (São Paulo) v.30, n.1, p.114-147, jan/jun 2011.

⁷⁷ SOUZA, Maria Clara Ortiz De. **A segregação dos indesejáveis: o processo de institucionalização da loucura no Hospital Colônia de Barbacena**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade de Taubaté.

⁷⁸ DUNKER, Christian Ingo Lenz, NETO, Fuad Kyrillos. Depois do holocausto: efeitos colaterais do hospital Colônia em Barbacena. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 952-974, dez. 2017.

Inicialmente, o local foi nomeado como *Assistência aos Alienados de Minas Gerais*, depois como *Hospital Colônia* e em 1980 nomeou-se oficialmente de *Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena*. Logo, após a construção do Colônia, a cidade recebeu diversos moradores devido às oportunidades de trabalho, o que ocasionalmente impulsionou a economia local.

Em paralelo ao aumento do número de moradores, também há o crescimento de pacientes institucionalizados advindos de diversas regiões do país⁷⁹. Por meio do que popularmente os moradores chamavam de “trens de doido”, os pacientes eram encaminhados para o Hospital Colônia.

Logo que chegavam à Estação Bias Fortes, em Barbacena, e eram enviados à Colônia, iniciavam o processo de despersonalização. Os cabelos dos homens eram raspados, os pacientes eram separados por sexo, idade e características físicas, eram obrigados a entregarem os seus pertences e vestirem o uniforme azul de brim, um tipo de tecido incapaz de proteger o corpo das baixas temperaturas da cidade. Esta descrição de Arbex (2013)⁸⁰, não por acaso, construída em diálogo com as descrições dos campos de concentração nazistas, indica que as pessoas encaminhadas ao Colônia,

Nesta condição, viam-se despidas do passado, às vezes, até mesmo da própria identidade. Sem documentos, muitas pacientes do Colônia eram rebatizadas pelos funcionários. Perdiam o nome de nascimento, sua história original e sua referência, como se tivessem aparecido no mundo sem alguém que as parisse⁸¹.

Poderíamos argumentar que o Hospital Colônia de Barbacena teve o seu propósito deturpado, uma vez que ele deixou de ser um espaço de tratamento para aqueles diagnosticados com algum tipo de moléstia mental e se tornou um depósito de pessoas indesejáveis aos olhos da sociedade. Logo, o cenário do Colônia era de superlotação, maus-tratos e empilhamento diário de cadáveres que não sobreviviam a realidade cotidiana e cruel daquele espaço, uma vez que:

Homens, mulheres e crianças, às vezes, comiam ratos, bebiam esgoto ou urina, dormiam sobre capim, eram espancados e violados. Nas noites geladas da serra da Mantiqueira, eram atirados ao relento, nus ou cobertos apenas por trapos. Instintivamente faziam um círculo compacto, alternando os que

⁷⁹ “O primeiro interno foi registrado no livro para matrícula no dia 27 de dezembro de 1903. Era um homem, brasileiro, solteiro, 27 anos, procedente de Tombos/MG e foi diagnosticado com excitação maníaca.” ASSIS, Eliseu Antônio de. **Exilados na pátria; o tratamento de alienados no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, 1903-1979**. São Paulo, Dialética, 2021.

⁸⁰ ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

⁸¹ *Ibidem*, 2013, p.27.

ficavam no lado de fora e no de dentro, na tentativa de sobreviver. Alguns não alcançavam as manhãs⁸².

Com relação aos cadáveres, o Colônia também foi responsável pela venda de corpos para dezessete faculdades de medicina espalhadas pelo país, entre os anos de 1969 a 1980. De acordo com Arbex (2013), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) adquiriu 543 corpos, enquanto a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), entre 1970 e 1972, comprou cerca de 67 cadáveres.

A indústria da loucura e da morte em Barbacena foi notada no ano de 1961 por meio da matéria intitulada "Hospício de Barbacena: a sucursal do inferno", publicada na revista *O Cruzeiro* na edição de 13 de maio de 1961⁸³. O responsável pelo registro das imagens e a publicação da matéria sobre o Colônia foi o fotógrafo Luiz Alfredo, que denunciou pela primeira vez os horrores por trás dos muros do hospício mineiro.

O país se comoveu. A classe política fez barulho, os governantes fizeram promessas públicas pelo fim da desumanidade. Quando o calor da notícia abrandou, tudo continuou exatamente igual no hospício. Por sorte, o fotógrafo não se desfez dos negativos⁸⁴.

Apesar da comoção nacional que a matéria de Alfredo causou, foi somente a partir de 1979 que a sociedade brasileira retornou a sua atenção para Barbacena. O psiquiatra italiano Franco Basaglia, pioneiro da luta antimanicomial, visitou o Hospital Colônia de Barbacena e sua declaração à imprensa teve repercussão internacional ao afirmar: “Estive hoje num campo de concentração nazista. Em lugar nenhum do mundo presenciei uma tragédia como esta⁸⁵”.

No mesmo ano, o jornalista Hiram Firmino e a fotógrafa Jane Faria publicaram reportagens nomeadas *Os porões da loucura*, no jornal *Estado de Minas*. Logo, após várias entrevistas e fotos,

Constatou, ainda, que em cada um dos dezesseis pavilhões havia dois funcionários para cuidar de mais de 200 pacientes, e a maioria dos contratados não tinha formação. Passou por uma ala onde havia 400 mulheres peladas. Levantou dados sobre o alto índice de infecção hospitalar, apurando, ainda, que o Colônia não existia para fins terapêuticos, mas políticos. [...] Ouviu pessoas que foram internadas apenas porque tinham perdido a carteira e ficado sem os documentos. Outras foram pegadas usando maconha e levadas para lá. Constatou, ainda, a falta de critérios médicos para as internações, a ausência de voz dos pacientes e a impotência diante do sistema. Também se

⁸² *Ibidem*, 2013, p.14

⁸³ ASSIS, Eliseu Antônio de. **Exilados na pátria; o tratamento de alienados no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, 1903-1979**. São Paulo, Dialética, 2021.

⁸⁴ *Ibidem*, 2013, p.152.

⁸⁵ Sociedade Mineira de Psicologia, 1982 apud OLIVEIRA, 2011.

comoveu com o fato de os considerados doentes terem sido presos sem terem cometido crime algum⁸⁶.

Foi somente em decorrência das diversas denúncias referentes às condições insalubres e desumanas do Colônia, no processo de redemocratização e, especialmente, o Movimento da Luta Antimanicomial que o Hospital Colônia de Barbacena iniciou o seu processo gradual de desativação.

Nesse sentido, desde a criação do primeiro hospício, D.Pedro II, até o Colônia de Barbacena diversos sujeitos foram institucionalizados nesses espaços, segundo os padrões normativos e sociais da época, não atendiam e eram excluídos do convívio social.

Considerando estas experiências históricas em torno dos manicômios, a obra *Memórias do Calabouço* buscou representar por meio da literatura, casos de três mulheres reais que foram internadas em instituições totais, seja por questões sociais, gênero ou raça, estruturas por um sistema de poder opressivo. No próximo capítulo, conheceremos mais sobre suas histórias e importância na temática manicomial brasileira que serviram à elaboração dos contos.

⁸⁶ ARBEX, *op.cit.*, p.192.

3. MEMÓRIAS DO CALABOUÇO.

A obra literária e histórica *Memórias do Calabouço* surgiu como produto final do meu Trabalho de Conclusão de Curso, destinado à aplicação em sala de aula para estudantes do 9º ano e Ensino Médio. Todavia, convém alertar, ainda uma vez, que a parte prática, ou seja, a aplicação não foi desenvolvida em escolas, devido a questão de organização e tempo.

Desse modo, a partir de uma coletânea de três contos independentes entre si, o livro buscou abordar os sujeitos internados em instituições psiquiátricas, além de problematizar a noção de loucura e os critérios para a internação, durante o século XX, período em que os hospitais psiquiátricos corresponderam a uma lógica de poder e dominação, cercada de ideologia política e teorias eugenistas.

As protagonistas do conto são três mulheres cujos processos de internação dialogam com a realidade social brasileira da época. Elas carregam características que as assemelham a tantas outras mulheres reais que vivenciaram o drama de ir para o manicômio. Retratam também parte das diferenças como por exemplo, a condição econômica, a cor e a idealização feminina.

O primeiro conto nomeia-se **Stela, Stella, Stellas**, o título faz referência ao primeiro nome dado à mulher (Stela), mas após a pesquisa desenvolvida por Zacharias (2022), foi descoberto que o nome real continha dois “L” e, por fim, o plural do nome de Stella faz referência há várias outras mulheres vítimas de um sistema manicomial opressor e repressivo.

Neste primeiro conto revisitamos o processo de internação de Stella do Patrocínio, uma mulher negra, pobre e que trabalhava como empregada doméstica no Rio de Janeiro. Durante os seus momentos de descanso ao lado do amigo Luiz, Stella foi abordada pela polícia civil e uma enfermeira e encaminhada para o Pronto de Socorro mais próximo da região, em seguida enviada para o Centro Psiquiátrico D. Pedro II.

O segundo conto intitulado **Sanatório para mulheres degeneradas**, narra a história de Daniele, uma mulher branca, pertencente à elite burguesa paulista do século XX que ao expor o seu desejo de separação do marido e a busca pela emancipação feminina, é internada no Sanatório Pinel, uma instituição privada.

Em contrapartida, o terceiro conto, **Preta, grávida e louca?** conta a história de Geralda, enviada para trabalhar em casa de família aos onze anos, foi abusada sexualmente pelo patrão e enviada para o Hospital Colônia de Barbacena grávida, como pretexto para esconder a gravidez e o abuso sexual.

Desse modo, nos próximos tópicos abordaremos detalhadamente a fundamentação teórica de cada conto, as temáticas abordadas e as fontes, referências e os materiais utilizados para a pesquisa e construção de cada história, pontuando o que há de factual real na construção do imaginário.

3.1 Sobre o conto: Stela, Stella, Stellas.

Foi Stella do Patrocínio quem me (re)apresentou a questão manicomial e a discussão acerca da loucura por uma vertente social. Antes de Stella, eu sabia que o meu interesse era escrever um TCC que abordasse o uso dos manicômios durante a ditadura militar brasileira - tema que já tinha me ocupado nos primeiros semestres do curso de história. Entretanto, após conhecê-la de forma despreziosa, por meio do episódio de podcast da 451Mhz nomeado: **Stella do Patrocínio e a loucura no Brasil**⁸⁷, os meus horizontes de pesquisas se ampliaram.

Logo, pude perceber que o meu interesse de pesquisa não era, estritamente, a ditadura militar brasileira, mas sim a temática social por trás de situações em que pessoas foram marginalizadas ao longo da História. Desse modo, o meu propósito era desvendar as razões e quais os tipos de pessoas, historicamente, foram excluídas do convívio social, tendo como recorte espacial as instituições manicomiais no Brasil.

A partir desse contato com Do Patrocínio, desenvolvi o projeto de iniciação científica (IC) compartilhado com outras duas colegas do curso, intitulado: *Memórias do cativo: narrativas(auto)biográficas de Maria Carolina de Jesus e Maura Lopes Cançado e Stella do*

⁸⁷ Cf. **Stela do Patrocínio e a loucura no Brasil**. 451Mhz, São Paulo, 13 de Maio de 2022. Podcasts. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/podcasts/repertorio-451-mhz/stella-do-patrocinio-e-a-loucura-no-brasil/>. Acesso em: 30/06/2024.

Patrocínio, onde busquei aprofundar os meus conhecimentos acerca de Stella e o sistema manicomial no Brasil⁸⁸.

Dentre as principais fontes utilizadas na pesquisa estava a gravação do falatório de Stella do Patrocínio, realizado pela estagiária de artes plásticas Carla Guagliardi, em 1986, a transcrição do falatório em 1990, realizada pela estagiária em psicologia, Mônica Ribeiro e a obra *Reino dos Bichos e dos Animais é o Meu Nome*⁸⁹, organizado e publicado pela filósofa Viviane Mosé, no ano de 2001.

Já como referencial bibliográfico, foram utilizadas as dissertações de Ramos (2022) intitulada *Stella do Patrocínio: entre a Letra e a Negra Garganta de Carne*⁹⁰ e *Stella do Patrocínio: da internação involuntária à poesia brasileira*⁹¹, de Zacharias (2020), pois ambos os trabalhos acadêmicos evocam novas informações acerca de Do Patrocínio e proporcionam uma consciência crítica diante da figura da interna.

Isso porque Zacharias e Ramos trabalharam com outros tipos de fontes em suas dissertações. Zacharias (2020) utilizou-se das fichas de internação, registro de óbito Stella, certidão de nascimento e óbito de algum dos familiares de Stella, assim como localizou o contato e entrevistou o sobrinho de Do Patrocínio. Por sua vez, Ramos, foi a responsável por garantir que o falatório fosse liberado na íntegra para acesso ao público, até então conhecido apenas em sua versão em texto, estabelecida por Viviane Mosé.

Ao longo do desenvolvimento da Iniciação Científica, assim como o trabalho de pesquisa com o uso das fontes e das referências bibliográficas, é que surgiu a ideia para a construção do livro *Memórias do Calabouço* como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A proposta foi experimentar a aproximação entre as escritas da história com a narrativa literária através de uma coletânea de contos independentes entre si, mas que abordassem a mesma temática; as instituições manicomiais e a situação dos sujeitos que eram lá internados.

⁸⁸ NORONHA, Gilberto César de (coord.); JESUS, Geiva Lopes Soares de; DI BLASIO, Sabrina Junqueira; HOLANDA, Gabriel dos Santos. **Memórias do cativeiro: narrativas (auto)biográficas de Maria Carolina de Jesus e Maura Lopes Caçado e Stella do Patrocínio**. EDITAL DIRPE Nº 6/2023 - PIVIC - UFU.

⁸⁹ PATROCÍNIO, Stella. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Viviane Mosé. (org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Beco Azogue Editorial, 2001.

⁹⁰ RAMOS, Sara Martins. (2022). *Stella do Patrocínio: Entre a letra e a negra garganta de carne*. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu.

⁹¹ ZACHARIAS, Anna Carolina Vicentini. **Stella do Patrocínio: da internação involuntária à poesia brasileira**. 2020. 1 recurso online, Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. p364

Levando em conta suas experiências de aprendizagem, ensino e pesquisa do curso de Graduação em História, indubitavelmente, a criação do primeiro conto não podia ser sobre outra pessoa, senão Stella do Patrocínio. Uma mulher negra e pobre, que foi internada em uma instituição psiquiátrica aos 21 anos, quando transitava pelas ruas do Rio de Janeiro, ao lado do seu amigo Luiz, também negro e pobre.

Stella do Patrocínio nasceu em 1941, na cidade do Rio de Janeiro, local onde cresceu e trabalhou como empregada doméstica. Aos 21 anos, foi internada pela polícia civil e, primeiramente, enviada para o Posto do Pronto Socorro, próximo a praia do Botafogo. Em seguida, foi transferida para o Centro Psiquiátrico D. Pedro II (CPPII), em 1962, onde foi diagnosticada com “esquizofrenia hebefrênica evoluindo sob reações psicóticas”.

Por último, de acordo com a sua ficha de internação, Stella foi transferida para o Colônia Juliano Moreira (CJM) no dia 03 de Março de 1966, o local era destinado para casos de pacientes irreversíveis. Stella foi alocada ao núcleo feminino Teixeira Brandão (NTB) e o cenário do Colônia, desde a sua chegada, era de superlotação e condições insalubres de higiene, pois segundo Zacharias (2021):

Stella do Patrocínio acompanhou essas últimas transformações do espaço institucional, padecendo com diversas das suas crises, como superlotação, falta de estrutura e precariedade nos atendimentos, devido à desproporção entre o número de funcionários e aquele de pacientes. Em alguns desses períodos, a CJM também foi afetada por problemas de distribuição de água. (ZACHARIAS, 2021, p.39).

Dialogando com estas questões históricas, o conto de abertura nomeado *Stela, Stella, Stellas* desta coletânea, objetivou abordar três conceitos fundamentais; os manicômios, o racismo e a violência manicomial. A partir da história verídica de Stella Do Patrocínio, o conto buscou narrar alguns momentos fatídicos de sua vida, mas também demonstrar que as instituições psiquiátricas daquela época, obedeciam a uma ordem e poder, centralizadamente racista e violenta, legitimadas pelo discurso científico.

Isso porque, historicamente, em meados do início do século XX, a teoria eugenista difundida pela Liga Brasileira de Higiene Mental influenciou na psiquiatria brasileira. Tal teoria foi responsável pela expansão dos manicômios no Brasil e, conseqüentemente, o aumento de internações nesses locais, sob a justificativa da degeneração dos corpos e higienização mental⁹².

⁹² DUNKER, Christian Ingo Lenz, NETO, Fuad Kyrillos. Depois do Holocausto: Efeitos colaterais do Hospital Colônia em Barbacena. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 952-974, dez. 2017.

Desse modo, o pensamento eugênico legitimou discursos e teorias racistas. Segundo Engel⁹³, a partir disso, criou-se a crença de que os negros eram mais propícios à loucura, pois eram considerados de uma raça degenerada e inferior. Por consequência, ao analisarmos os manicômios por uma vertente racial, nota-se que a presença dos negros nas instituições manicomial se tornou uma realidade cada vez mais comum.

Segundo essa visão eugenista, o louco era compreendido como degenerado e representava uma ameaça ao progresso e à urbanização. Logo, a retirada desses indivíduos dos espaços sociais “seguida da inserção nos manicômios e colônias agrícolas, locais onde os loucos curáveis poderiam ser docilizados e readaptados ao convívio urbano⁹⁴”.

A violência também foi uma característica das instituições psiquiátricas. Stella durante o seu falatório, rememora alguns dos tipos de violência que sofreu durante os seus longos anos de internação; sessões de eletrochoque, espaços lotados e falta de higiene e alimentação, são alguns exemplos da realidade por trás dos muros.

Você toma eletrochoque?

Eu tomei no pronto socorro do Rio de Janeiro e continuo tomando aqui.

Aqui?

É, e disseram que não dá mais, mas dá sim.

(Conversa entre Stella do Patrocínio e Carla Guagliardi, gravada pela artista plástica durante o Projeto Oficina de Livre Criação artística. Colônia Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 1986-1988. Acervo da artista).

A partir do Movimento da Luta Antimanicomial⁹⁵ e a abertura democrática dos anos 80, o Colônia Juliano Moreira sofreu alterações nas formas de tratamento aos pacientes e na luta pela recuperação da identidade e dignidade humana dos sujeitos ali institucionalizados. A própria gravação do falatório de Stella pelas estagiárias Carla Guagliardi (1986) e Mônica Ribeiro (1990) foi possível devido às mudanças institucionais do CJM provenientes da Luta Antimanicomial.

Stella não teve a mesma oportunidade de recuperar informações sobre a sua família, enquanto estava viva. Isso porque, de acordo com Zacharias (2021), a instituição não foi capaz de reconstituir sua história anterior à internação. O pouco que sabemos sobre ela advém dos prontuários médicos. Portanto,

⁹³ ENGEL, M. G. As fronteiras da ‘anormalidade’: psiquiatria e controle social. **História, Ciências e Saúde**. Manguinhos, v. 5, n.3, p.547-563, Fev 1999.

⁹⁴ GUEDES, *op.cit.*, 36.

⁹⁵ C.f: LÜCHMANN, L. H. H. ; RODRIGUES, Jefferson . **O movimento antimanicomial no Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva , periódico na internet, v. 12, p. 399-407, 2007; BARZAGHI, Natália Aparecida. **História, memória e luta: trajetórias na/da Reforma Psiquiátrica Brasileira**. Orientador: Yasui, Silvio. 2018. 200 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis-SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/85209fef-83f1-4bee-8657-7bf27001ff71>. Acesso em: 3 nov. 2024.

À época, sua família não foi encontrada, os endereços fornecidos por ela, como o da antiga residência ou locais de trabalho dos familiares, não puderam ser confirmados pela instituição, que não encontrou nenhum de seus parentes. Stella do Patrocínio não gozou, assim, dos benefícios da abertura manicomial, que buscou ressocializar os pacientes a partir da localização de seus familiares⁹⁶.

Em seu próprio falatório, Stella dizia ser indigente, sem pais, irmãos ou filhos, a única família que alegava conhecer era a dos cientistas⁹⁷. Desse modo, Stella morreu como indigente no dia 20 de Outubro de 1992 às 11h10, após cerca de 30 anos de internação involuntária, “*Causa mortis*: parada cardiorrespiratória, carcinoma mamário e diabetes *mellitus*”⁹⁸. Sua voz, tantas vezes contida, entretanto, através do Falatório⁹⁹ eternizou-a na história e contribuiu também para o campo científico e literário ao abordarmos sobre os tratamentos e as condições da saúde mental brasileira.

Mas a SUA família, seu pai, sua mãe, seus irmãos, você não tem?

Eu sou indigente, não tenho

Não tem ninguém?

Ninguém por mim¹⁰⁰

Figura 1: Stella do Patrocínio durante o projeto de Livre Criação Artística.

⁹⁶ ZACHARIAS, *op.cit.*, p.41.

⁹⁷ “Ao escutar o falatório de Stella, compreendo que na maior parte das vezes em que termos como “família”, “casa” e “mundo” são articulados, referem-se ao universo da Colônia. Em diversos momentos, ela elabora sua ideia de família enquanto essa “família do cientista”, ou ainda, “essa família que tá morando e me perseguindo aqui no Teixeira”. (RAMOS, 2022, p.49).

⁹⁸ ZACHARIAS, *op.cit.*, p.135.

⁹⁹ Foi Stella do Patrocínio quem denominou suas enunciações de falatório, uma vez que a própria diz: “Quando eu tô com vontade de falar tenho muito assunto, muito falatório, num encontro ninguém pra quem eu possa conversar”. (CD 01, parte 02) Fonte: Museu Bispo do Rosário, 2024.

¹⁰⁰ Depoimentos/entrevistas/falas de Stella do Patrocínio, Juliano Moreira, Rio de Janeiro, gravados pela artista plástica Carla Guagliardi durante as oficinas do Projeto Oficina de Livre Expressão Artística, no Núcleo Teixeira Brandão, Colônia Juliano Moreira, entre 1986/1987. Acervo da Artista.



Fonte: Biblioteca “Stela do Patrocínio” – IMASJM.

3.2 Sobre o conto: Sanatório para mulheres desajustadas.

O corpo está no centro das relações de poder. Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica. Sua aparência, sua beleza, suas formas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir (provocante, o riso não cai bem às mulheres, prefere-se que elas fiquem com as lágrimas) são o objeto de uma perpétua suspeita. Suspeita que visa o sexo, vulcão da terra. Enclausurá-las seria a melhor solução: em um espaço fechado e controlado, ou no mínimo sob um véu que mascara sua chama incendiária. Toda mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro. Se algo de mau lhe acontece, ela está apenas recebendo aquilo que merece¹⁰¹.

Ambientado na cidade de Santos (SP), *Sanatório para mulheres desajustadas* reelabora aspectos da sociedade brasileira do século XX, no que tange a questão do papel social esperado da mulher. Por meio da história da protagonista, buscou-se uma reflexão crítica sobre os padrões normativos e morais que controlaram e moldaram o que ser mulher significava naquela

¹⁰¹ PERROT, Michelle. *Corpos subjugados*. In: PERROT, Michele. **As mulheres e os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

época, de tal modo que alguns desses métodos de controle ainda permanecem na contemporaneidade.

Não apenas atrelado ao papel da mulher, que não se trata apenas de questões de classe social, tratou-se também das instituições manicomiais como espaços físicos de coerção daquelas consideradas “desviantes” ou “loucas”, por não se enquadrarem ou fugirem da normalidade atribuída à época. Além disso, o conto retrata sobre como a família, o marido e o médico foram os principais agentes de poder, controladores do corpo feminino e reguladores de suas ações.

Sendo assim, para a construção do conto foi utilizada como referencial bibliográfico a dissertação de mestrado do doutorando em Filologia e Língua Portuguesa, Antonio Sergio Ackel Barbosa, intitulada *Cartas manuscritas de pacientes do Sanatório Pinel (1929-1944): um estudo filológico*¹⁰² e, especificamente, o *Capítulo III - Ser Mulher: Norma Médica e Loucura*¹⁰³ da dissertação da historiadora Bruna dos Santos Beserra Pereira.

Em sua dissertação, Barbosa (2019) desenvolveu o projeto com o uso de cartas como fonte. Em meio a diversas cartas de pacientes do Sanatório Pinel endereçadas a destinatários diferentes, localizei a da paciente D.D.R - a quem inspirou a criação do segundo conto dessa coletânea -, carta que tinha sido destinada ao seu irmão.

Figura 2: Cartas da paciente D.D.R endereçadas ao irmão.

¹⁰² BARBOSA, Antonio Sergio Ackel. **Cartas pessoais de pacientes do Sanatório Pinel (1929-1944): um estudo filológico**. 2019. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.8.2020.tde-20022020-165247. Acesso em: 2024-10-26.

¹⁰³ PEREIRA, Bruna dos Santos Beserra. **Entre a loucura e a norma: mulheres internadas no Sanatório Pinel (São Paulo, 1929-1944)**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

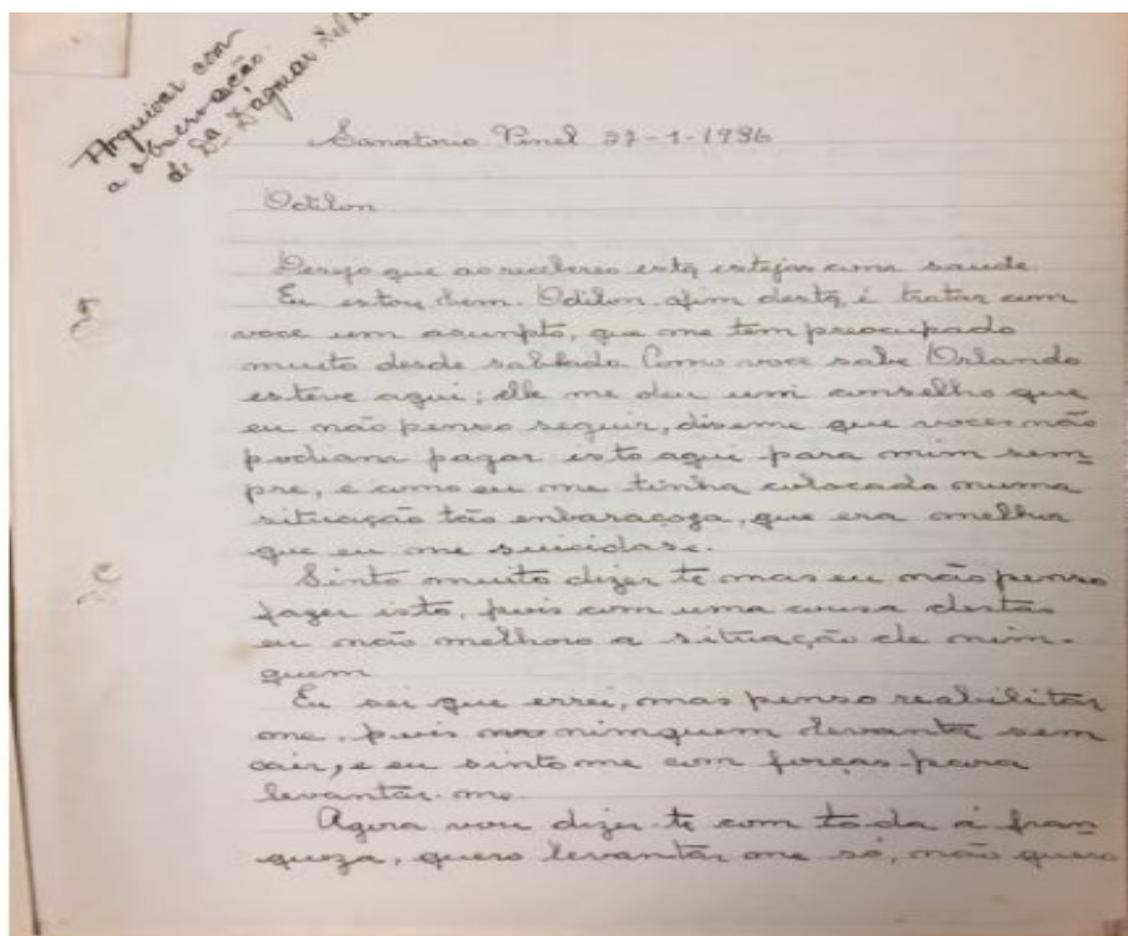
saber de voces, pois graças á Deus eu
pouso trabalhar.

Vou pedir ao medico daqui que me
deixe ficar com o lugar, de uma das
empregadas que vai sair, pois assim
continuarei aqui, sem precisar que
voces se sacrificuem por mim, nem
tampouco de matar-me.

Se não arranjar este lugar, eu arranjo
um emprego em casa de familia,
pois como sei trabalhar e tenho saú-
de não me atrapalho.

Da 2º faz um mez que eu entrei por
este motivo acho bom vices até aqui
conversar com o medico.

Tua irmã
Dagmar Netto



Sanatório Pinel 27-1-1936.

O

Desejo que ao receberes esta estejas com saude.

Eu estou bem, O, afim desta, é tratar com voce um assunto, que me tem preocupado muito desde sabbado. Como você sabe O esteve aqui; elle me deu um conselho que eu não penso seguir, diseme que voces não podiam pagar isto aqui para mim sempre, e como eu me tinha colocado numa situação tão enbaraçoza, que era melhor que eu me suicidasse.

Sinto muito dizer te mas eu não penso fazer isto, pois com uma cousa destas eu não melhora a situação de ninguém.

guem.

Eu sei que errei, mas penso reabilitar
me, pois ninguém levanta sem
cair, e eu sinto me com forças para
levantar-me.

Agora vou dizer-te que com toda á fran-
queza, quero levantar me só, não quero

[p.2]

saber de voces, pois graças à Deus eu
posso trabalhar.

Vou pedir ao medico daqui que me
deixe ficar com o lugar, de uma das
empregadas que vai sahir, pois assim
continuarei aqui, sem precisar que
voces se sacrifiquem por mim, nem
tampouco de matar-me.

Si não arranjar este lugar, eu arranjo
um emprego em casa de familia,
pois como sei trabalhar e tenho sau-
de não me atrapalho.

Dia 2 faz um mez que eu entrei por
este motivo acho bom vires ate aqui
conversar com o médico.

Tua irmã

DN.

Concomitante, Pereira (2016) historiciza o papel da mulher e de como o seu corpo foi visto e moldado por uma lógica de hierarquização dos gêneros, além da problematização da loucura feminina. Para além disso, a autora também se aprofunda sobre a vida de D.D.R e as condições de sua internação no Sanatório Pinel, por meio do acesso aos prontuários da paciente localizado no Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo Sanatório Pinel, o que permitiu mais informações sobre quem era essa mulher e o porquê ela fora considerada louca pelo marido e sua família.

Primeiramente, convém definirmos qual era o modelo de mulher que correspondia aos padrões vigentes. À mulher não cabia o direito ao espaço público, pois devido à sua suposta fragilidade e inferioridade em relação ao homem, ela seria a responsável pela vida doméstica e a maternidade¹⁰⁴. Para além disso, a conduta feminina estava intrínseca à honra do marido e de sua família, logo conclui-se que “a honra, principalmente a sexual, era percebida como a base da família, enquanto que esta era vista e propagada como a “base de granito da nação”¹⁰⁵.

Nesse sentido, a submissão ao marido, a preservação da honra, a vida doméstica e a maternidade compunham os deveres das mulheres de classe média e alta. Entretanto, transgredir ou contrariar qualquer um dos princípios morais estabelecidos era o suficiente para que as infratoras fossem encaminhadas para sanatórios ou hospícios, sob a acusação de loucura e insanidade, pois “ela deveria ser pura, discreta e sua vida sexual estaria restrita ao espaço matrimonial¹⁰⁶”.

O caso da protagonista do segundo conto é justamente sobre esse controle do corpo feminino atrelado à honra e à família. Isso porque, ao se ver insatisfeita e decidida a mudar os caminhos de sua própria vida, ou seja, tomar as rédeas do seu próprio corpo, sua família e o marido creem que “por meio do controle e domínio do corpo feminino seria possível prevenir possíveis desregramentos morais e, conseqüentemente, sociais”¹⁰⁷.

Isso porque, segundo a mãe de D.D.R, a filha apresentou comportamentos imorais e subversivos que indicavam que a mesma possuía algum distúrbio de necessária intervenção. Tais comportamentos revelaram-se como sendo, leitura de livros sobre os direitos da mulher e emancipação feminina, renegou seus familiares ao sair de casa e fugir para o Rio de Janeiro, além do seu desejo de desquitar-se do marido, uma vez que o casamento naquela época era indissolúvel judicialmente¹⁰⁸. Logo, se a vida doméstica e o casamento eram elementos característicos do significado de *ser mulher* naquela época, a partir do momento que D.D.R busca romper com essa lógica, a família a enxerga como degenerada¹⁰⁹ e, conseqüentemente, louca.

¹⁰⁴ PINSKI, Carla B. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

¹⁰⁵ OLIVEIRA, I. B. . Espaços de Eva: a mulher, a honra e a modernidade no Recife dos anos 20 (século XX). **Revista História Hoje** (São Paulo) , Internet, v. 02, n.05, 2004.

¹⁰⁶ PEREIRA, *op.cit.*, p.105.

¹⁰⁷ *Ibidem*, 2016, p.93.

¹⁰⁸ *Ibidem*, 2016, p.106.

¹⁰⁹ C.F: MOURA, Maria Lacerda. **A mulher é uma degenerada?** 3º edição. Rio de Janeiro, 1924.

Na obra, Moura busca romper com a lógica da inferioridade feminina biológica, uma vez que, diante daquele contexto, o discurso social e médico condicionaram a mulher a posição de inferioridade física, mental e biológica.

Desse modo, tais ações de D.D.R representaram um risco à manutenção da honra do marido e da família. Logo, o Sanatório Pinel foi a solução encontrada para a coerção da sua degeneração a fim de que ela recuperasse o papel de “boa esposa, mãe, dedicada ao lar” e recuperar o equilíbrio da personalidade “natural” esperada para uma mulher.

Entretanto, após a intermediação dos médicos e D.D.R retornar para o lar e o marido, a própria, posteriormente, foi expulsa de casa pelo marido após o mesmo descobrir os vestígios de uma traição em um diário. Teria ela, “por vontade própria”, retornado ao Sanatório, onde teria recebido a sugestão do marido para que cometesse suicídio, de modo a aliviar a culpa, conforme ela própria menciona na carta acima.

A partir deste acontecimento, é que se localizou a carta de D.D.R, disponível na dissertação de Barbosa e utilizada como fonte para a construção do conto. Na carta, ela recusa a ideia do suicídio e diz não precisar deles, procurando romper as amarras da dependência econômica, pois segundo ela possuía forças para trabalhar como empregada, seja no sanatório ou na casa de alguma família “sem precisar que vocês se sacrifiquem por mim, nem tampouco de matar-me¹¹⁰”.

Diante dos casos de internação, a vida de D.D.R retornou ao mesmo ponto de partida. Após uma intervenção médica, ela optou em retornar para o marido por causa dos filhos e ele perdoou o adultério, de modo que, segundo os médicos, “a paciente tinha condições de levar uma vida dentro dos parâmetros adequados”¹¹¹.

Em suma, *Sanatório para mulheres desajustadas* é um dos diversos casos de mulheres internadas em sanatórios/hospícios, sob o estigma da loucura. Historicamente, casos de infidelidade, imoralidade sexual ou a independência feminina eram razões recorrentes para as internações dessas mulheres nesses espaços.

3.3 Sobre o conto: Preta, grávida e louca?

Ambientado no interior de Minas Gerais, nas cidades de Coroaci, Virginópolis e Barbacena, o terceiro conto, Preta, *grávida e louca?* é inspirado na história real de Geralda. Violentada sexualmente pelo patrão, ela foi internada no Hospital Colônia de Barbacena como pretexto para silenciar o caso de estupro e a gravidez, decorrente do abuso.

¹¹⁰ BARBOSA, *op.cit.*, p.289.

¹¹¹ PEREIRA, *op.cit.*, p.108.

O enredo do conto foi baseado no livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, escrito pela jornalista Daniela Arbex. A obra, lançada originalmente em 2013, contém quatorze capítulos repletos de imagens do Colônia, além de entrevistas e relatos dos sobreviventes sobre episódio que Arbex intitulou como sendo o Holocausto Brasileiro.

Dentre os capítulos do livro, o IX - Encontro, desencontro e reencontro relatou a história de sofrimento de Geralda e os anos separados do seu único filho, fruto de um episódio traumatizante para ela.

Segundo Arbex, Geralda nasceu em Coroaci, no Vale do Rio Doce, perdeu os pais quando ainda era muito nova, por isso foi criada pelos vizinhos. Todavia, aos onze anos, a garota foi encaminhada para trabalhar como empregada doméstica em uma casa de família em Virginópolis, interior de Minas Gerais, cujo provedor era advogado e mantinha o próprio escritório no 2º andar da residência.

Ainda segundo Arbex (2013), a rotina de trabalho era cansativa e intensa. Geralda começava os afazeres domésticos logo pela madrugada e finalizava somente à noite, quando ia para o quarto exíguo dos fundos. Ela cozinhava, lavava as roupas e limpava a casa, enquanto a esposa frequentemente era internada em clínicas psiquiátricas privadas na cidade de Divinópolis, Geralda assumiu a responsabilidade pela manutenção da vida doméstica.

Aos quatorze anos, Geralda foi violentada sexualmente pela primeira vez. Arbex (2013) informa que a adolescente limpava o banheiro principal quando o patrão chegou repentinamente. Sem dizer uma palavra sequer, ele a agarrou e distribuiu beijos pelo seu pescoço, de modo que a garota permaneceu imóvel e impassível diante do ocorrido. Ela tentou buscar a ajuda da irmã do advogado, mas sua denúncia não foi considerada.

Entretanto, Arbex relata que um ano após o ocorrido, o episódio se repetiu, desta vez na cozinha:

Um ano depois do episódio, a adolescente estava na cozinha, no porão do prédio, preparando um prato de comida. Já era tarde da noite, e ainda não tinha se alimentado naquele dia. O homem apareceu na escada, batendo a porta. Ela se encolheu. Puxada pelos cabelos, foi jogada sobre a mesa. Deitado por cima dela, o patrão a estuprou. Machucada, Geralda sentiu dor na alma. Pela primeira vez na vida, desejou a morte. Quando o ato acabou, ela permaneceu deitada na mesa. Perdeu a noção das horas. Sem ninguém no mundo, só conseguia chorar¹¹².

¹¹² ARBEX, Daniela, 2013, p.3.

Logo após o acontecido, não demorou para que os sinais inconfundíveis e as transformações físicas surgissem. A gravidez foi constatada pelos familiares os quais procuravam por uma saída: em 1966, Geralda abandonou a casa ao lado de duas freiras - amigas da família - em direção ao Hospital Colônia de Barbacena, o local escolhido para ocultar Geralda e o bebê que carregava no ventre e silenciar qualquer possibilidade de denúncia.

Ao contrário de Stella do Patrocínio e a paciente D.D.R.¹¹³, Geralda não era uma mulher com diagnóstico de doença mental e não foi rotulada de louca. No hospício foi designada para trabalhar no berçário da Colônia, cuja função era cuidar dos filhos dos pacientes e lavar as roupas. De qualquer modo, o trabalho também era exaustivo e as refeições causavam náuseas devido à péssima qualidade, potencializando os enjoos da gravidez.

Em 21 de Outubro de 1966, Geralda deu à luz no pavilhão Zoroastro. Foi batizado João Bosco, nome escolhido pelas freiras em homenagem ao santo da igreja. Geralda trabalhou e cresceu ao lado do filho, até ele completar dois anos de idade.

Aos dezessete anos ela saiu do Colônia para trabalhar. Conseguiu um emprego em casa de família, enquanto via o filho somente aos finais de semana na Colônia. Entretanto, quando João tinha somente três anos, o menino foi separado da mãe e enviado para um orfanato católico, por isso ao receber a notícia Geralda se desestabilizou emocionalmente, tomou eletrochoques e recebeu o ultimato; caso voltasse ao Colônia, nunca mais sairia de lá.

Por mais de 40 anos, Geralda viveu separada do filho. De acordo com Arbex (2013) foi somente em 2011 que ela foi localizada pelo corpo de bombeiros de Minas Gerais, pois os colegas de profissão de João Bosco o ajudaram a reencontrar a mãe, encerrando um período de sofrimento para ambos os lados, Geralda finalmente pôde se reencontrar com a única pessoa que era sinônimo de família.

3.4 O uso da obra “Memórias do Calabouço” para o ensino de História.

Enquanto que, na concepção bancária o educador vai “enchendo” os educandos, desenvolvendo o seu poder de captação e compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação em processo. A tendência então, do educador-educando é estabelecerem uma forma autêntica de pensar e atuar. Pensar-se a si mesmos e ao mundo, simultaneamente, sem dicotomizar essa ação. A educação problematizadora se faz assim, um

¹¹³ Aqui faço menção a personalidade real que inspirou o conto, por isso não a chamo por Daniele, uma vez que esse nome é fictício e escolhido por mim.

esforço permanente através do qual os homens vão se percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham¹¹⁴

A obra *Memórias do Calabouço* foi desenvolvida para ser utilizada no ensino de História, de modo similar ao que Paulo Freire (1996) definiu como sendo uma forma autêntica e crítica de aprendizagem. Nesse sentido, a Literatura e a História foram duas áreas importantes para o desenvolvimento de uma metodologia de ensino prática e ativa, a qual potencialize a cidadania, a formação política¹¹⁵ e intelectual¹¹⁶ do aluno.

Nesse sentido, neste tópico discutiremos o desenvolvimento de atividades, leituras, interpretações e metodologias para utilizar a obra no ensino de História. Tais sugestões sobre as formas de se trabalhar o livro não foram aplicadas em sala de aula, mas foram desenvolvidas levando-se em conta minhas experiências em sala de aula durante os Projetos Interdisciplinares e estágios de docência que abordaram outras temáticas.

Por se tratar de uma obra *literária e histórica*, o projeto desenvolvido para as turmas de Anos Finais (9º ano) e Ensino Médio, intitulado *Memórias do Calabouço: ensino literário e histórico sobre o sistema manicomial brasileiro*, objetiva explorar a interdisciplinaridade entre História e Literatura, por isso, considera fundamental que as atividades possam ser realizadas em parceria do(a) professor(a) de história com o professor (a) de Literatura.

Logo, a primeira e principal atividade a ser desenvolvida consiste na **apresentação do livro e da temática abordada**. Isso porque, segundo Manke (2019), “[...] a interpretação leitora decorre da expectativa (objetivo da leitura), da motivação e do conhecimento prévio de cada leitor em relação ao tema do texto que irá ler [...]”. Por isso, cabe ao professor a tarefa de apresentar aos seus alunos o tema abordado pela obra e uma pesquisa prévia sobre o conhecimento do assunto.

Em seguida, a próxima etapa consiste na **leitura da obra**. Para isso, orienta-se o desenvolvimento de um cronograma de leitura compartilhado, uma vez que no contexto

¹¹⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra. p. 71.

¹¹⁵ Sobre a formação política, Segal define: “ter condições de refletir sobre tais acontecimentos, localizá-los em um tempo conjuntural e estrutural, estabelecer relações entre os diversos fatos de ordem política, econômica e cultural, de maneira que fique preservado das reações primárias: a cólera impotente e confusa contra os padrões, estrangeiros, sindicatos ou o abandonado fatalista da força do destino”. (SEGAL, p.103 apud BITTENCOURT, 2008, p.122).

¹¹⁶ “A formação intelectual pelo ensino da disciplina ocorre por intermédio de um compromisso de criação de instrumentos cognitivos para o desenvolvimento de um “pensamento crítico”, o qual se constitui pelo desenvolvimento da capacidade de observar e descrever, estabelecer relações entre presente-passado-presente, fazer comparações e identificar semelhanças e diferenças entre a diversidade de acontecimentos no presente e no passado.” BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez. 2008.

escolar, o professor precisa obedecer ao calendário escolar e estabelecer prazos para finalizar o conteúdo.

Após a leitura, a terceira etapa consiste no **compartilhamento das experiências e impressões** acerca da obra lida. Para isso, indica-se duas atividades didáticas; *roda de conversa* e *diários de leitura*. A roda de conversa se propõe a desenvolver uma troca de ideias, opiniões e experiências compartilhadas entre os alunos e o professor.

Enquanto o diário de leitura é o espaço individual do aluno, onde ele tem a liberdade de expor suas dúvidas e/ou comentários de maneira escrita, sem receio de ser julgado pelos outros colegas, por exemplo, além de permitir que o professor compreenda se o aluno leu ou não a obra escolhida.

Dentro do campo teórico-prático, o professor orientará o caminho de pesquisa dos alunos por meio de um **encarte pedagógico**. Para isso, o encarte se propõe a desenvolver várias propostas de atividades sugeridas, desde as perguntas acerca do livro a serem respondidas, até mesmo o uso de documentos históricos, trechos de jornais, artigos, etc, capazes de estimular o aprendizado.

Desse modo, tal material servirá como apoio na produção do conhecimento histórico do aluno e será uma opção viável para discutir a questão manicomial, por meio de outras metodologias, além do livro didático. Logo, *Memórias do Calabouço* e o *encarte pedagógico* são caminhos e possibilidades a serem aplicados nas aulas de História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E você pensa?

Eu não penso nada... não trabalho
pela inteligência nem pelo
pensamento

(Stella do Patrocínio)

A loucura desde a Idade Antiga até a Modernidade foi alvo de estudos e debates entre diversos teóricos, pesquisadores e homens da ciência. Este Trabalho de Conclusão de Curso também foi um espaço para debate e compartilhamento de resultados acerca da institucionalização da loucura e os seus efeitos no meio social.

Orientando-se pelo objetivo de se aprender história com literatura, abordou-se a temática manicomial, especificamente, sob a ótica dos pacientes internados em tais instituições totalitárias. Nesse sentido, a obra *Memórias do Calabouço* se tornou o resultado do esforço de pesquisa, uma metodologia de ensino possível a ser utilizada em salas de aula.

Nesse sentido, o primeiro capítulo deste trabalho buscou demonstrar as relações fronteiriças entre História e Literatura e os seus modelos narrativos. Isso porque, a minha obra autoral mantém essa aproximação entre as duas áreas de maneira evidente, além disso contextualizou-se também a história do conto no Brasil, gênero literário escolhido para a construção deste livro.

Por conseguinte, o segundo capítulo tratou de historicizar a formação dos primeiros manicômios no Brasil. Sendo assim, perpassou-se pelo Hospício de Pedro II, Colônia Juliano Moreira, Sanatório Pinel e o Hospital Colônia de Barbacena, quatro das diversas instituições manicomiais que durante anos abrigaram pessoas que não se enquadraram nos padrões de normalidade vigente.

Por fim, o terceiro capítulo aprofundou-se nas questões teórico-metodológicas de *Memórias do Calabouço*. Por meio de cada subtópico, conhecemos os materiais bibliográficos e as fontes utilizadas para a escrita de cada um dos contos, além da discussão teórica sobre a mensagem que os contos buscam transmitir.

O último subtópico tratou de associar a questão literária e histórica ao ensino e aprendizagem. Isso porque, essa obra conforme já dito anteriormente, foi desenvolvida como

público-alvo, turmas de 9º ano do Fund II e Ensino Médio, logo foi pensada formas e/ou metodologias para se trabalhar a obra lida com esses alunos.

Propõe-se ainda um encarte pedagógico. Um pequeno material para os alunos serem capazes de interpretar, pesquisar e analisar durante as aulas de História, por meio da obra autoral.

Dessa forma, este Trabalho tem a expectativa de ser útil na ampliação da discussão sobre a temática manicomial, assim também serve como um livro literário (in)útil pois pretende aguçar a imaginação, instigar, suscitar reflexões, questionamentos e a empatia. Logo, com a criação e aplicação de novas metodologias de ensino, caminharemos para um modelo de ensino mais didático, instigante e realista, mas também imaginativo e sensível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Mortimer J. **Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente**. 2. ed. São Paulo: Realizações Editora, 2010, p.212-213. (Educação Clássica).

ALMEIDA, Antônio Gouvêa. Colonia Juliano Moreira: Sua origem e um pouco de sua trajetória histórica. **Revista Brasileira de Saúde Mental**. Rio de Janeiro, v. 12, p. 161-169, ano 18, 1966.

ANDRADE, Lílian Gonçalves de. Narrativa histórica e narrativa literária: pontos e contrapontos. **BIBLOS** - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, [S. l.], v. 17, p. 23–31, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/95>. Acesso em: 25 ago. 2024.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ASSIS, G. L. Hayden White entre a história e a literatura. **Albuquerque: Revista de História**, Campo Grande, MS, , v. 4, p. 131 - 151, 02 jul. 2012.

ASSIS, Elizeu Antônio de. **Exilados na pátria: o tratamento de alienados no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, 1903-1979**. São Paulo, Dialética, 2021.

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. São Paulo, Camelot Editora, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BARBOSA, Antonio Sergio Ackel. **Cartas pessoais de pacientes do Sanatório Pinel (1929-1944): um estudo filológico**. 2019. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Acesso em: 2024-11-02).

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas - uma introdução aos seus usos historiográficos. In: **2º Encontro Internacional 'História & Parcerias'**, 2019, Rio de Janeiro. 2º Encontro Internacional 'História & Parcerias'. Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2019. p. 1-17.

BARROS, José D'Assunção. Objetividade e subjetividade no conhecimento histórico: a oposição entre os paradigmas positivista e historicista, **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, v.1, n.2, maio/ago. 2010, p.73-102. p .92.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Textos de História (UnB)**, Brasília, v. 11, n.1/2, p. 145-171, 2003.

BARZAGHI, Natália Aparecida. **História, memória e luta: trajetórias na/da Reforma Psiquiátrica Brasileira**. Orientador: Yasui, Silvio. 2018. 200 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis-SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/85209fef-83f1-4bee-8657-7bf27001ff71>. Acesso em: 3 nov. 2024.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez. 2008.

BUENO, Rinaldo Conde. **O pensamento de Franco Basaglia e a estruturação da desinstitucionalização na Psiquiatria Democrática italiana vistos por um brasileiro**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

BRASIL. Decreto nº82, de 18 de julho de 1841. In: **Colleção de leis do Império do Brasil**. vol. 1, p.36. 1841.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

DUNKER, Christian Ingo Lenz, NETO, Fuad Kyrillos. Depois do Holocausto: Efeitos colaterais do Hospital Colônia em Barbacena. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 952-974, dez. 2017.

ENGEL, M. G. As fronteiras da ‘anormalidade’: psiquiatria e controle social. **História, Ciências e Saúde**. Manguinhos, v. 5, n.3, p.547-563, Fev 1999.

FERREIRA, Y. N. **O conto, da tradição à contemporaneidade: um exemplo em Luiz Vilela. TEIAS (RIO DE JANEIRO. IMPRESSO)**, v. 20, p. 301-319, 2019.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. p. 71.

FREITAS, Ângela Maria Xavier. A importância do uso da Literatura como recurso facilitador no processo de aprendizagem. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 06, nº 01, p. 98-110, 2020.

GERMINATTI, Fernando Tadeu. MELO, Alessandra de. O conhecimento histórico e a busca pela verdade: uma leitura da subjetividade e da objetividade na dualidade entre sujeito e objeto. **Research, Society and Development**, v. 7, n. 5, p. 01-12, 2018.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas e CAMILO, Vagner (orgs.). **Introdução ao conto romântico**. In: O sino e o relógio – uma antologia do conto romântico brasileiro. São Paulo, Carambaia, 2020, 416 págs.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOMES, Roberto. O Alienista: loucura, poder e ciência. **Tempo Social**, v. 5, n. 1-2, p. 145–160, jan. 1993.

GUEDES, Alexandre Maciel. **Violência Manicomial: a psiquiatria na repressão durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ, p.150. 2019.

GRECCO, G. L. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 6, p. 39-53, 2014.

- HOLANDA, Gabriel dos Santos. Memórias do Calabouço: aprender com literatura sobre a história manicomial no Brasil. **I MOSTRA DE PESQUISA** Memórias, histórias e historiografias. Uberlândia/Montes Claros: Nephispo/Memórias. PUC-Goiás, Goiânia, 2024, online.
- HOLANDA, Gabriel dos Santos. Stella do Patrocínio: narrativas do enclausuramento. In: **IX CONGRESSO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO DA PUC GOIÁS**, Goiânia, 2023.
- JULIÃO, Leticia. Sensibilidades e representações urbanas na transferência da capital de Minas Gerais. **História** (São Paulo) v.30, n.1, p.114-147, jan/jun 2011.
- JUNIOR, Luis Salvador Miranda Sa. Breve histórico da psiquiatria no Brasil:do período colonial à atualidade. **Rev Psiquiatria**, RS. 2007;29(2):156-158.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al.. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p.468.
- LÜCHMANN, L. H. H. ; RODRIGUES, Jefferson. O movimento antimanicomial no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, periódico na internet, v. 12, p. 399-407, 2007.
- MASIERO, André Luis. A lobotomia e a leucotomia nos manicômios brasileiros. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 10, n. 2, p. 549–572, mai. 2003.
- MATOS, Maria Izilda Santos de ; PEREIRA, Bruna S. Beserra. Prontuários femininos do Sanatório Pinel/SP (1929-1944). **Revista Estudos Feministas** , v. 30, p.2-3, 2022.
- MEDEIROS, Elisabeth Weber. Ensino de História: fontes e linguagens para uma prática renovada. **VIDYA**, v. 25, n. 2, p. 59-71, jul/dez, 2005 - Santa Maria, 2007.
- MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher é uma degenerada?** Civilização Brasileira Editora, Rio de Janeiro, 1924, p.265.
- MOURA, Maria Lacerda de. Seduzidas e deshonradas. **O Combate**, São Paulo, n. 4581, p. 3, 15/12/1927.
- MORATTO, J.; BORDONAL, G. C. **O ALIENISTA: relações entre loucura, poder e literatura**. IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica, [S. l.], v. 6, n. 19, p. 163–174, 2020. Disponível em: <https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/ifsophia/article/view/233>. Acesso em: 27 out. 2024.
- NAGAI, B.; APPARECIDO, C. S.; DOS SANTOS, M. T. Diálogo entre loucura e literatura no conto “O Alienista”. **Ensaio - Revista de Divulgação Científica, Teste**, v. 1, n. 2, 2017. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ensaio/article/view/18514>. Acesso em: 27 out. 2024.
- NUNES, Maria Lúcia da Silva; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. Reflexões em torno da relação entre História e Literatura. **Quaestio - Revista de**

Estudos em Educação, Sorocaba, SP, v. 18, n. 3, 2016. Disponível em: <https://uniso.emnuvens.com.br/quaestio/article/view/2853>. Acesso em: 16 ago. 2024, p.794.

OLIVEIRA, Cristiane Reis Mattos de. **Contos da África lusófona: fontes literárias para o ensino de História**. 76p. Dissertação (Mestrado Profissional em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, C. E. F. Narratividade e conhecimento histórico:alguns apontamentos. **Histórica** (São Paulo. Online) , v. 15, p. 2, 2006.

OLIVEIRA, I. B. . Espaços de Eva: a mulher, a honra e a modernidade no Recife dos anos 20 (século XX). **Revista História Hoje** (São Paulo) , Internet, v. 02, n.05, 2004.

OLIVEIRA, Walter Ferreira de. Eletroconvulsoterapia (ECT) / Eletrochoque: A produção de evidências sobre seu uso, eficácia e eficiência. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v.11, n.28, p.46-68, 2019.

PATROCÍNIO, Stella. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Viviane Mosé. (org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Beco Azogue Editorial, 2001.

PEREIRA, Bruna dos Santos Beserra. **Entre a loucura e a norma: mulheres internadas no Sanatório Pinel (São Paulo, 1929-1944)**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.148.

PEREIRA, H. M. ; GOMES, J. P. O. Importância do ensino de história na formação do estudante como indivíduo. **Veredas da História**, v. 15, p. 9-20, 2023.

PERROT, Michelle. Corpos subjugados. In: PERROT, Michele. **As mulheres e os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates, p.11-28, 2006. Disponível em: <https://nuevomundo.revues.org/1560> Acesso em 14 de Setembro de 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Colloques, mis en ligne le 04 février 2005, consulté le 04 novembre 2024. URL : <http://journals.openedition.org/nuevomundo/229>. Acesso em 04 nov. 2024.

PINSKI, Carla B. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

POLETTI, Ronaldo. **Constituições Brasileiras, volume III, 1934**. Brasília: Senado Federal, 2012.

RAMOS, Sara Martins. (2022). **Stella do Patrocínio: Entre a letra e a negra garganta de carne**. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu.

Rio fecha o Instituto Juliano Moreira, último manicômio da cidade. G1, Rio de Janeiro, 26/10/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/10/26/rio-fecha-o-instituto-juliano-moreira-ultimo-manicomio-da-cidade.ghtml>. Acesso em: 26/09/2024.

SEIXAS, Katia Patrícia Santos. **Um olhar sobre o outro : estimulando a empatia por meio de contos no ensino de história.** 2020. 137 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

SOUZA, Maria Clara Ortiz De. **A segregação dos indesejáveis: o processo de institucionalização da loucura no Hospital Colônia de Barbacena.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade de Taubaté.

SOLÈ, Glória; REIS, Diana; MACHADO, Andreia. Potencialidades didáticas da literatura infantil de ficção histórica no ensino de história. **História & Ensino**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 7-34, jan./jun. 2014.

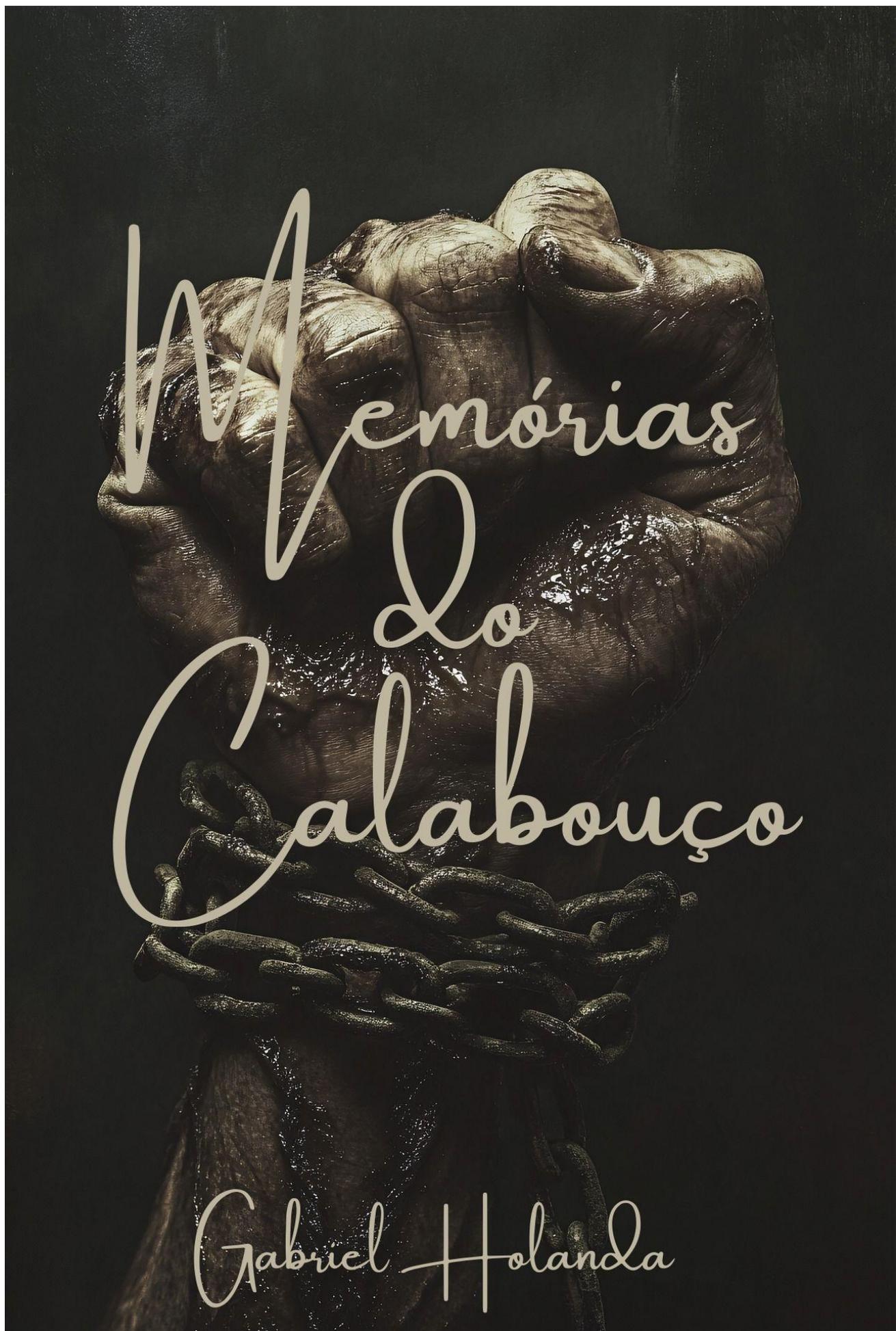
Stela do Patrocínio e a loucura no Brasil. 451Mhz, São Paulo, 13 de Maio de 2022. Podcasts. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/podcasts/repertorio-451-mhz/stella-do-patrocinio-e-a-loucura-no-brasil/>. Acesso em: 30/06/2024.

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha História. In: **Revista de História.** Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991, p. 13 - 46. Dossiê História-Narrativa.

VENANCIO, Ana Teresa Acatauassú; POTENGY, Gisélia Franco (org.). **O asilo e a cidade: histórias da Colônia Juliano Moreira.** Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

ZACHARIAS, Anna Carolina Vicentini. **Stella do Patrocínio: da internação involuntária à poesia brasileira.** recurso online, Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. p.364, 2020.

ANEXO: Livro de Contos: Memórias do Calabouço



*Memórias
do
Calabouço*

Gabriel Holanda

GABRIEL HOLANDA

**MEMÓRIAS DO
CALABOUÇO**

1º edição

2024

Apresentação da obra

Esta obra é fruto do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), para a obtenção do título de licenciatura em História, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

A proposta da composição do livro *Memórias do Calabouço* consiste na ideia de aprender com literatura sobre a história manicomial brasileira. Nesse sentido, a obra se estrutura por meio de três contos que abordam a figura de três mulheres vítimas do sistema opressivo manicomial.

A partir da história real de Stella do Patrocínio, da paciente D.D.R e de Geralda Siqueira, propomos uma experiência literária que aproxime o leitor da realidade manicomial e, principalmente, do perfil dos sujeitos institucionalizados. Desde a inauguração do primeiro hospício brasileiro, o Hospício de Pedro II, as instituições manicomiais obedeceram a uma lógica de poder, cujo determinados grupos sociais eram considerados desviantes, propícios à acusação de loucura, mesmo que tais indivíduos não tivessem de fato algum tipo de transtorno mental.

Nesse sentido, os contos são categorizados como históricos, uma vez que se baseiam em casos reais, por meio de uma pesquisa histórica, faz o uso de fontes, referências bibliográficas e outros tipos de materiais para a construção da veracidade dentro do texto.

Ao mesmo tempo, os contos também são literários, pois utiliza-se da imaginação e da ficcionalidade, características comuns para a Literatura. Para além disso, o modelo narrativo e estético da obra, é mais um dos motivos que faz dela, um produto também literário.

Logo, espera-se que a obra cumpra com o seu papel de chamar a atenção do leitor da temática manicomial, assim como estimular o seu hábito de leitura. Dessa forma, as páginas deste livro serão úteis na reflexão de um dos períodos mais emblemáticos da história brasileira, proporcionando a produção do conhecimento histórico, ao mesmo tempo que, mais do que utilizada, também espera ser fruição a incentivar o gosto pela leitura e a produção de novas sensibilidades sobre o tema.

Boa leitura!

Para todas as pessoas que acreditaram no potencial das minhas palavras.

SUMÁRIO

STELA, STELLA, STELLAS.....	66
SANATÓRIO PARA MULHERES DESAJUSTADAS.....	73
PRETA, GRÁVIDA E LOUCA?.....	83
ENCARTE PEDAGÓGICO.....	89

STELA, STELLA, STELLAS

Rio de Janeiro, 1962.

Copacabana. Gávea. Leblon. Ipanema. Botafogo. Jardim Botânico. Flamengo. Stella circulava por todos esses bairros do Rio de Janeiro.¹¹⁷

Considerava-se uma mulher muito viajada. Circulou pela *Avenida Rio Branco, Presidente Vargas, Anindo Peçanha e Nossa Senhora de Copacabana.*¹¹⁸ Era uma viajante inquieta.

Descendente de Zilda e Manoel¹¹⁹, filha das ruas. Stella valorizava a sua liberdade e durante os momentos de folga do trabalho doméstico na casa da patroa, gostava de transitar pela cidade do Rio de Janeiro.

Aquela tarde de quarta-feira era um de seus momentos de regalias. Ao lado de seu amigo Luiz, Stella caminhava altaneira pela rua Voluntários da Pátria. O vestido azul com bolinhas brancas, sapatos pretos e óculos escuros faziam-na sentir-se bonita. Ela sabia que era bonita e as pessoas à sua volta também. Notava os olhares encharcados de desejo dos rapazes gulosos e a feição irritadiça das moças despeitadas com a sua presença.

Foi o olhar de uma senhora lançado da janela do seu apartamento, entretanto, o que a deixou intrigada. A velha estava irritada, mas parecia estar lhe fiscalizando, que a deixava incomodada. Foi o silêncio do amigo que desviou sua atenção de quaisquer outras preocupações.

— Por que tá tão calado hoje, Luiz? — Stella tratou logo de quebrar o silêncio desconfortante.

— Não é nada de mais. — ele virou o rosto tentando não encará-la.

— Sem frescura comigo. Eu te conheço! — ela parou no meio do caminho — Fala logo o que aconteceu.

— Eu já disse que não é nada, Stella! — gritou ele, atraindo olhares curiosos das pessoas em volta. Foi quando ela percebeu o que cada um daqueles olhares escondia. *Medo.*

— Por favor, me deixe em paz.

Antes que Stella pudesse dizer algo, Luiz saiu apressado em direção ao *São José*, o bar mais famoso da região. Ela apertou a bolsa branca que carregava na mão esquerda, tinha

¹¹⁷ Esses foram os bairros pelos quais Stella do Patrocínio afirma ter passado. As notas foram produzidas para a versão anexa ao TCC.

¹¹⁸ Essas foram as ruas que Stella esteve.

¹¹⁹ Cf. Zacharias, Anna Carolina Vicentini. **Stella do Patrocínio: da internação involuntária à poesia brasileira**. 2020. 1 recurso online, Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. p.364.

consigo um dinheiro para tomar uma refeição, mas não entraria naquele bar, não depois daquela desfeita do amigo que tanto considerava.

Permaneceu estática em frente ao bar, enquanto Luiz sentou-se próximo ao balcão e anunciou ao homem de meia-idade.

— E aí seu Zé — o senhor o cumprimentou com um meio sorriso. Seu olhar percorreu todo o ambiente, mas se voltaram para Luiz quando não encontrou quem procurava.

— Cadê a mocinha? A sua companheira? — quis saber o homem.

Ela. Stella. Era quase rotineira a visita da amiga às quartas-feiras ao bar do seu José. Por isso, era de se esperar que ele sentisse a sua falta. Luiz fez um sinal negativo com a cabeça e mudou de assunto.

— Me vê aquele pão com salsicha e uma Coca-Cola.

— Opa, mas é pra já, meu chefe!

Stella ainda estava chateada com o amigo, mas o sol forte na cabeça logo a fez ceder e não demorou a entrar no bar. Foi em direção ao balcão, onde Luiz estava sentado. Ela não disse uma palavra e o amigo continuou amuado.

Ele não se ofereceu para pagar uma refeição, nem Stella pediu para que o fizesse. Ficou inerte ao lado do amigo, assistindo-o devorar o seu pão com salsicha e saciar a sua sede com o refrigerante.

Depois que terminou a refeição, Luiz pagou ao seu Zé o que devia, despedindo-se com um aperto de mão. O homem de meia-idade notou a presença de Stella, saudando-a com um sorriso. Mal correspondeu ao cumprimento, Stella virou-se para procurar por Luiz que já havia saído em disparada para o quente da rua.

Mas, que bicho mordeu ele hoje? pensou.

Stella saía a passos largos atrás do amigo, quando tropeçou na calçada do bar, estatelando-se no chão da calçada. Ela choramingou baixinho, por causa da dor que irradiava pela perna, a bolsa com o dinheiro para refeição tinha se perdido e, não havia mais nenhum sinal de seu amigo Luiz.

Ele a tinha abandonado. E ela nem mesmo sabia o motivo. De repente, o choramingo se transformou em lágrimas e quando se deu conta, estava sozinha, no chão da Voluntários da Pátria, com o rosto negro molhado e a perna machucada.

— Pare de chorar, menina boba! — grunhiu uma voz fina atrás dela. Virou a cabeça e deparou-se com a mesma senhora da janela do apartamento de alguns minutos atrás. A senhora que a observava com aquele olhar intrigante, o mesmo que recebia agora.

Mais de perto, viu que era uma mulher de meia-idade que logo ofereceu a mão direita para que Stella se levantasse e assim ela o fez. A jovem secou as lágrimas com o polegar e acenou em forma de agradecimento.

Mas Stella não teve tempo de trocar palavra com a senhora e já sentiu duas mãos fortes a agarrarem por trás. Repentinamente, dois homens trajados com uniformes policiais a detinham, enquanto uma mulher de cabelos pretos e longos, usando um jaleco branco e com uma prancheta em mãos, conversava com a senhora à sua frente.

— É ela? — a senhora acenou com a cabeça. — Levem-na! — ordenou.

Stella contorceu o corpo, na tentativa inútil de escapar das mãos dos brutamontes, mas o peso e a baixa estatura, além da força desproporcional, a impediram.

— O que é que tá acontecendo? Eu sou honesta e trabalhadeira. Não fiz nada de errado, para onde estão me levando? — Stella gritou, a voz acelerada e o coração martelando dentro do peito.

Naquele momento, pensou em Luiz e o procurou com os olhos, mas já não havia sinais do amigo. As pessoas à volta assistiam a cena e Stella era capaz de distinguir reações diferentes entre eles.

Confusão. Medo. Dúvida. *Satisfação*.

Mas, ninguém parecia corajoso ou disposto o suficiente para impedir o que acontecia diante de seus olhos.

— Se acalma, minha querida, vai ficar tudo bem. — a mulher respondeu com um sorriso virtuoso nos lábios e aproximou-se de Stella.

Uma picada no ombro esquerdo a fez gemer de dor. A mulher de cabelos pretos e pele clara tinha injetado um líquido transparente, um medicamento potente que a fez delirar por alguns segundos. Não demorou, seus olhos se entregaram a uma escuridão profunda. Adormeceu.

* * *

Assim que abriu os olhos, Stella sentiu uma dor dilacerante como se agulhas tivessem sido fincadas em seu cérebro.

Tentou identificar onde estava, mas por causa da visão turva, o teto do cômodo exíguo girava embaralhando sua consciência. — *Se acalme, minha querida, vai ficar tudo bem*. Uma voz feminina ecoou dentro de sua cabeça, intensificando a dor. Stella gemeu baixinho e ouviu o som de passos se aproximarem, fechou os olhos e se permitiu mergulhar na escuridão, concentrando-se apenas no som dos passos que se aproximavam cada vez mais.

– Qual o nome da paciente? – Uma voz feminina, quis saber.

– Stella, foi encontrada na rua ao lado de um outro homem que, infelizmente, não conseguimos identificar. – respondeu a voz masculina.

Stella ainda não tinha forças para raciocinar sobre o que estava acontecendo, por isso permaneceu em silêncio, enquanto as duas vozes se entendiam.

– Qual o motivo da denúncia?

– Segundo D. Antonieta, ela e o outro rapaz estavam causando tumulto e confusão na *Voluntários*. Foi ela quem informou a polícia civil que acionou a intervenção.

A mulher riu com escárnio.

– Essa raça de baderneiros... – suspirou, exasperada.

– Pelo menos é bonitinha, olha só pra ela, uma neguinha encorpada – respondeu ele, aproximando-se de Stella que pôde sentir a respiração do homem mais próxima.

Foi quando, talvez por instinto ou medo, abriu os olhos subitamente.

– Olha só, a menina acordou! – os olhos castanhos do homem deslizaram pelo seu corpo, seguido de um sorriso cheio de malícia.

Stella ainda sentia pontadas agudas na região da cabeça, mas descobriu que não somente a cabeça, mas todo o seu corpo pulsava de dor. Ela gemeu baixinho, interrogando-se:

- Onde estou? Quem são essas pessoas?

Deitada em uma maca com lençóis empoeirados e sujos, ao seu lado uma bolsa de soro injetada diretamente no braço direito, uma bandeja metálica com um copo d'água e uma mulher alta, pele alva e cabelos pretos. Enquanto isso, à sua frente o enfermeiro observava-a ambivalente, como se ela fosse uma obra de arte em exposição e ao mesmo tempo um animal enjaulado.

- O-onde é que eu – uma tosse seca a impediu de completar a frase.

A mulher rapidamente lhe ofereceu o copo d'água.

- Bebe! – o tom de voz era autoritário.

Stella obedeceu e saciou a sua sede, um prazer inexplicável como se ela não bebesse água por séculos.

- Onde eu tô? – insistiu.

- Num local apropriado para o seu tipo de gente. – foi o enfermeiro quem respondeu.

Stella ainda não tinha entendido o que estava acontecendo ali. Vez ou outra, pequenas memórias desconexas reverberaram em sua mente, mas nada parecia fazer sentido.

- Eu me lembro...de estar na rua e... – uma outra fincada na cabeça a fez gemer de dor.

- E você e seu homem começaram uma briga, causando tumulto...

- Ele não é meu...

- Claro, claro. Nós entendemos! – a mulher rebateu – Não tem que se preocupar com nada querida, nós cuidaremos de você e dessa sua cabecinha degenerada. – a mulher apontou para a própria cabeça e sorriu – Joel, chame os outros e tragam os equipamentos para a primeira sessão.

Stella sentiu o corpo formigar, o coração martelava dentro do peito. Tudo o que queria era respostas e voltar para casa, para a sua própria liberdade. Mas aquelas pessoas pareciam não querer isso, dizendo coisas que não conseguia compreender.

Onde foi parar o seu amigo? Aquilo era um hospital? Por que ela estava lá? E o que aquela mulher queria dizer com “primeira sessão”? De repente, o quarto exíguo e esbranquiçado começou a girar, as vozes se tornaram mais distantes e o estômago de Stella revirou o suficiente, para que ela não tivesse tempo de conter o líquido esverdeado que jorrou de sua boca.

- Ah, por Deus! – esbravejou com asco a mulher de jaleco branco – E chamem a faxineira para limpar a bagunça que a interna novata causou.

Interna? Por que estou internada? Stella se perguntou antes de desmaiar.

* * *

Uma semana foi o suficiente para que as ideias se organizassem no cérebro confuso de Stella e o corpo se recuperasse das sessões de choque. Em um primeiro momento, ela pensou que fosse um mal entendido e que logo voltaria para casa e tudo ficaria bem.

Mas, ao terceiro dia com a sua terceira sessão de eletrochoque, Stella entendeu que não voltaria tão cedo, talvez nunca pudesse sair dali. A moça que a recolheu nas ruas, tinha a enviado para o *Centro Psiquiátrico D. Pedro II*, sob a acusação de que fosse louca.

- Louca? Eu? – respondeu surpresa ao médico psiquiátrico – Doutor, eu não sou louca.

- É o que todos dizem - pouco convencido de tudo.

Dezesseis dias após a internação, o Dr. O. Falleiros assinou o diagnóstico de Stella: “esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas”. E desde então, a sua rotina era conviver com a loucura, enclausurada e cercada de outras pessoas, segundo os enfermeiros, tão desequilibradas quanto ela.

Stella não parou de pensar no amigo que tinha ficado para trás. Será que Luiz sentiu a sua falta também? Será que nesse momento ele a procurava pelos cantos da cidade? Será que um dia estaria livre outra vez? Tantas dúvidas vagavam pelo seu cérebro que a bandeja de comida à sua frente, não a fazia sentir nenhum pouco de fome.

Arroz, chuchu, carne, feijão. As opções de comida não eram muito variadas, assim como a sua rotina como interna era terrivelmente maçante. Lembrou-se do gosto da Coca-Cola, do leite condensado e dos biscoitos de chocolate que costumava comer na rua, além do cigarro que fumava aos finais de semana.

Segunda. Terça. Quarta. Quinta. Sexta. Que importa? Todos os dias pareciam iguais, monótonos e enlouquecedores. Além dela, vários outros internos trajados de roupas brancas e peles escuras pastavam pelos corredores, todos com um tipo de transtorno diferente viviam, porém, naquela mesma loucura.

Na semana anterior, um homem sob acusação de alcoolismo. Noutro, uma mulher acusada de imoralidade. E o mais recente e comum no CPPII, outro caso de esquizofrenia, após um adolescente ser preso em uma abordagem policial. Muitos eram os casos de internação, mas poucos conseguiam atravessar os muros rumo à liberdade. A loucura tem uma larga porta de entrada. Não há saída?

Um corpo desviante dos padrões normativos era um corpo enclausurado.

3 de Março de 1966.

Quatro anos.

Quatro anos se passaram desde que Stella chegou ao Centro Psiquiátrico D. Pedro II. No início, ela alimentava a crença de que retornaria para a sua antiga vida, agora nenhuma fagulha de esperança animava o seu corpo magro e cansado.

Com 25 anos, vez ou outra, Stella se questionava o quão diferente seria sua vida se naquele dia não tivesse saído para tomar uma refeição com Luiz, se ele não tivesse gritado com ela ou a abandonado naquela emboscada. Vários “e ses” torturavam sua cabeça mais do que as sessões de eletrochoque e, em alguns momentos, faziam-na implorar a Deus pela morte digna.

Ainda não tinha se habituado àquela vida de clausura, afinal, como poderia? Aquilo não era o que se pode chamar de vida. Sob o estigma de louca, os médicos, enfermeiros e os demais funcionários, nem a enxergavam mais como um ser humano. Na verdade, Stella era a paciente 057, das trezentas pessoas que estavam entulhadas naquele lugar.

– Paciente 057 – o enfermeiro, um homem robusto e cabelos grisalhos anunciou a sua chegada ao dormitório. – A sua ordem de transferência foi solicitada, venha comigo!

Ele ficou estático ao lado da porta, aguardando Stella vir em sua direção, mas ela não o fez.

– Transferência? O que tá acontecendo? – questionou, mesmo ciente que não teria respostas.

Outros dois homens altos e corpulentos adentraram o cômodo e foram em direção a Stella e a puxaram pelos braços. Os outros internos, com olhares receosos, confusos e amedrontados, assistiam à cena. De repente, o enfermeiro chamou um paciente, depois outro, mais um, e por fim a última interna.

Mais tarde, Stella descobriu que tinha sido transferida para a Colônia Juliano Moreira¹²⁰. Ela já ouvira falar do local. Outras internas haviam dito que aquele era o pior dos destinos para casos de pacientes irrecuperáveis.

– *Lá as pessoas são comidas por animais, os quartos são sujos e lotados, falta comida, água e não existe nenhum tipo de tratamento. Além disso, várias internas aparecem grávidas.*¹²¹

E assim que pisou na Colônia, Stella lamentou o fato de que a maioria dos boatos eram verdadeiros. O pavilhão em que ela fora alocada continha apenas mulheres, mas o cenário era de superlotação. A quantidade de colchões era insuficiente e teve que se arranjar no chão. Choraminguou e naquela noite, pediu a Deus que a livrasse daquele sofrimento mais tenebroso do que o porão úmido e fétido de um navio tumbreiro.

Quando os primeiros raios de sol penetraram a janela do quarto, ela entendeu que não se livraria daquele pesadelo tão cedo. *É que eu não sei fazer justiça. Eu não tenho coragem de enfrentar nada, a violência, a brutalidade, a grosseria e a luta pelo pão de cada dia*, pensou. Longos dias, meses e anos aguardavam por Stella dentro do Colônia Juliano Moreira. Apenas a sua voz teria conseguido escapar daquele calabouço como um sopro de liberdade tardia.

¹²⁰ O Colônia Juliano Moreira (CJM) foi inaugurado no ano de 1924, localizado no bairro da Taquara, em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. Stella do Patrocínio foi internada no Colônia em 1966, local onde viveu até à sua morte, em 1992.

¹²¹ No diário de Maura Lopes Cançado (1991), ela informa sobre como a Colônia era descrita pelas outras internas, conforme o trecho a seguir: “a colônia Juliano Moreira, para onde vão os casos incuráveis, é o terror das internadas. Ficam em Jacarepaguá e contam atrocidades acontecidas lá. Elas dizem que é preferível morrer. Cercada de matas espessas, as doentes fugitivas são comidas por animais ferozes, contam. Composta por vários hospitais – homens e mulheres – velhos, imundos, comida infame, camas sujas com percevejos e outros bichos, muitas doentes dormem no chão – sobretudo apanham muito. Não se faz tratamento nas doentes por se considerá-las irrecuperáveis. Várias aparecem grávidas, os pais das crianças são geralmente os próprios funcionários. (CANÇADO, M. L. **Hospício é deus**: Diário I. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1991. p. 57)”

SANATÓRIO PARA MULHERES DESAJUSTADAS**Santos (SP), 1935.**

Querida D,

Não sei quanto tempo mais conseguirei ficar sem os seus beijos, o seu toque e o cheiro de lavanda desses cabelos castanhos. Por favor, escreva para mim e diga onde podemos nos reencontrar.

Desesperadamente, seu V.

Daniele Dornelles amassou a carta e a jogou no lixo. Tentou esquecer o que lera há poucos minutos, mas as palavras do amante ainda reverberaram em sua mente. Sabia que aquilo era errado, não podia mais corresponder aos sentimentos daquele homem. Era uma mulher casada. Era uma criatura infeliz.

Imaginou que talvez nunca tivesse conhecido de fato a felicidade do casamento, as promessas de amor que sua mãe disse existir, anos atrás, quando ela ainda era jovem, sonhadora e inocente.

Não. Daniele não se sentia feliz, não tinha se casado por causa dessa palavra de luxo chamada amor. E agora nutria sentimentos por alguém que não lhe pertencia, enquanto seu nome, sua honra, sua vida de luxo e seus quatro filhos eram correntes pesadas que a ligavam ao seu marido.

Ao ver o papel amassado dentro do lixo, sorriu irônica com a sua própria inocência. Pegou o papel de volta e com o auxílio da tesoura, cortou-o em pedacinhos para que as evidências de sua traição não fossem descobertas.

Daniele pensou diversas vezes em se desquitar do marido, mas as leis não garantiam o divórcio. *Maldito seja o presidente do país, aquele anão velho e rabugento*, vociferou em polvorosa.

De repente, a raiva se transformou em lágrimas e as lágrimas derreteram-na em desespero. A mulher afogou a cabeça no travesseiro e desatou a chorar compulsivamente. Não sabia qual caminho seguir, pois parecia não haver saída para aquela vida monótona ao lado do marido. Somente os filhos pareciam frutos sãos daquele casamento.

Retirou o seu diário de dentro da gaveta e despejou em palavras as suas frustrações, medos e inseguranças em relação ao futuro daquele amor proibido. A leitura e a escrita sempre foram suas fieis escudeiras, mas nos últimos meses os livros abriram-lhe novos horizontes.

Não eram quaisquer livros, mas aqueles que sopraram os ventos da esperança, do anseio por mudanças e liberdade. Foram novas leituras que a encorajaram a pensar seriamente no desquite.

*Seduzidas e desonradas*¹²². *A mulher é uma degenerada?*¹²³.

— Como Maria Lacerda de Moura descreve bem o meu calvário!

Os livros e as revistas mostraram-na um novo mundo de possibilidades, onde ela não precisava mais ser dependente de alguém que não amava. Bastava coragem para que assumisse as rédeas de sua própria vida.

* * *

Querido V,

A urgência do meu desejo por você e o anseio de estar ao seu lado me consomem.

Por isso, gostaria de lhe propor que me deixasse visitá-lo no Rio de Janeiro, há muito tempo que não visito a cidade maravilhosa e fazer isso ao seu lado me parece certo.

Estou cansada das paredes cinzas de minha casa, talvez um pouco de frescor e vivacidade me faça bem.

Por favor, me escreva o quanto antes para que possamos nos reencontrar.

Para sempre sua, D.

As últimas semanas foram marcadas por inquietação e angústia para Daniele Dornelles. Já fazia algum tempo desde que enviara a última carta ao seu amante e, desde então, não obtivera nenhuma resposta.

Será que se cansou de mim? refletiu.

Talvez a ideia de fugirem juntos tenha sido precipitada, talvez tenha o assustado ou quem sabe ele tenha encontrado outra mulher mais bonita e interessante e menos complicada. Com a vida cercada de incertezas, Daniele sabia que tinha que agir, antes que fosse tarde demais.

Foi numa sexta-feira à tarde, antes de o marido chegar do trabalho, que ela buscou apoio: arrastou Antonieta, sua mãe, para o quarto, trancou a porta e, sussurrando para certificar que ninguém as escutasse, confidenciou:

— Tomei uma decisão importante. A senhora é mulher e vai me compreender... Eu quero me separar do Alfredo!

D. Antonieta imediatamente explodiu em gargalhadas, incapaz de acreditar nas palavras da primogênita.

Daniele se manteve impassível e repetiu para que ela percebesse que não se tratava de nenhum tipo de brincadeira. Mas, com as mãos trêmulas, a voz saiu titubeante como se temesse as próprias palavras.

— Eu quero me separar! — balbuciou.

— Você por acaso enlouqueceu, minha querida? — D. Antonieta bradou, as risadas cessaram e a expressão no seu rosto era de indignação — Consegue entender a gravidade do que está dizendo?

¹²² MOURA, Maria Lacerda de. *Seduzidas e desonradas*. **O Combate**, São Paulo, n. 4581, p. 3, 15/12/1927.

¹²³ MOURA, Maria Lacerda de. *A mulher é uma degenerada?* Civilização Brasileira Editora, Rio de Janeiro, 1924, p.265.

Daniele sabia das consequências, mas estava disposta a enfrentar os julgamentos e a vergonha em troca da própria felicidade. Se não podia se separar do Alfredo pelas leis do país ou por causa da sua religião, sabia que não suportaria mais viver sob o mesmo teto que ele.

Todas as autoras que leu, suas ideias e pensamentos a instigaram a enxergar que existia um mundo para si, além do casamento. E era esse mundo que ela buscava encontrar agora. Não sabia se o seu amante a aceitaria em sua vida novamente, mas não dependia dele para encontrar a liberdade que descobriu há alguns meses.

— Eu entendo o que irá acontecer quando todos souberem do meu desejo de separação, mãe! — ela suspirou — Mas, não posso mais viver uma vida de mentiras. Eu não amo Alfredo, a senhora sabe disso. Não é como a senhora e o papai.

A confissão de Daniele abriu um fosso preenchido pelo silêncio, ouvia-se apenas o tique-taque do relógio e a brisa impetuosa do lado de fora da janela.

De repente, D. Antonieta disparou em passos largos pelo quarto, impaciente e incomodada com a revelação da filha, vociferou:

— Me poupe dos seus sentimentalismos, Daniele! — apontou o dedo na direção da filha — Mas, quero que fique claro o que irei dizer agora, *você não irá se separar de seu marido coisa nenhuma!* — as últimas palavras saíram como agulhas perfurando o coração de Daniele.

Por um momento, imaginou encontrar apoio na mãe. Mas, talvez tenha sido ingênuo demais. Afinal, o bonito, famoso e rico Dr. Alfredo, um dos homens mais cobiçados da cidade, tinha sido escolhido a dedo por D. Antonieta para desposar-lhe.

Desde que sua feminilidade desabrochou, o casamento começou a ser arranjado. E a mãe é quem tinha cuidado de tudo. Cursos de etiqueta, boas maneiras e coisas sobre como ser uma boa esposa era a sua rotina desde os treze anos até finalmente, aos dezessete, selar o laço matrimonial com Alfredo, que na época já era homem feito, com seus vinte e cinco anos.

A paixão ardente, o impulso para a vida. Com o marido, nesses 11 anos de casamento, nunca tinha sentido aquilo que experimentou com seu correspondente epistolar.

Foi a paixão que também lhe injetou a coragem necessária para, desta vez, rebater as insistências de sua mãe.

— Sinto muito por isso, mãe, mas não é você quem decide se vou ou não me separar. Não há mais como retroceder.

D. Antonieta levou a mão direita ao peito, ofendida.

— Que modo de falar é esse, filha? — repreendeu-a — Eu não estou reconhecendo você. Esta não foi a educação que eu lhe dei.

— Eu estou cansada, mãe! — as lágrimas ameaçaram escapar de seus olhos — Cansada de encenar essa vida perfeita que todos acham que eu tenho, mas Alfredo vive o tempo todo trancafiado naquele escritório, não tem tempo para a própria família, não se preocupa comigo, nem com nossos filhos. Pode a senhora realmente pensar que sou feliz? Eu não posso nem mesmo sair desacompanhada de casa, sou como um pássaro enjaulado e não quero, nem posso mais viver dessa forma, por isso não importa o que pensem de mim, eu vou me separar de Alfredo.

— Amor e felicidade? — o tom de voz era carregado de escárnio — Depois de todos esses anos, é isso o que você ainda procura em um casamento, minha querida?

— E o que mais eu deveria procurar, mãe? — Daniele retrucou, as lágrimas deram espaço para o seu acesso de raiva diante do sarcasmo de D. Antonieta.

— Você é realmente ingênua, pensei que com o tempo conquistaria a maturidade, mas tudo que vejo é uma garotinha boba em busca de amor e atenção.

Daniele mordeu os lábios, numa tentativa inútil de não demonstrar que as palavras da mãe a machucavam, mas o rosto rubro a denunciou.

— O casamento não sobrevive de amor, minha filha. Mas, está sendo egoísta e não está pensando na sua família. Já imaginou como ficará a honra do seu pai e do seu irmão, quando descobrirem que você largou do marido e abandonou os filhos?

— Eu nunca abandonaria os meus filhos!

— E com quem você acha que eles ficariam? Com você? Uma desquitada, largada do marido?

— Eles ainda continuariam sendo meus filhos, eu quem os trouxe a este mundo.

— Não sozinha, querida — ela se aproximou da filha e anuviou o rosto — Por favor, minha filha, não cometa nenhuma besteira e abandone essa ideia estúpida de separação.

Daniele, por alguns minutos, se manteve calada e pensativa.

Seria mesmo uma péssima ideia? refletiu.

Daniele nunca tinha tomado uma decisão por conta própria, antes. Nunca agiu por impulso ou sem o aval do marido, do pai ou da mãe. E agora, quando tinha a chance de ser ela mesma, ainda sim estava minada de insegurança e medo.

Agora é diferente! Recobrou o ânimo. A paixão que ardia em seu coração e queimava como brasa quente: viveria uma vida infeliz, sem nem ao menos ter tentado?

Puxou o ar para dentro dos pulmões, inspirou e decretou:

— Eu vou me separar de Alfredo. Não estou pedindo, estou comunicando!

A resposta foi imediata.

D. Antonieta desferiu um golpe certo na bochecha da filha, que cambaleou para trás, a mão indo instintivamente ao rosto quente e as lágrimas brotaram de seus olhos.

Por um momento, nenhuma das duas foi capaz de emitir qualquer ruído. Daniele esperou que a mãe se desculpasse ou se arrependesse do que havia feito. D. Antonieta lançou sobre ela um olhar de indignação, virou às costas e ameaçou sair do quarto.

Aos poucos, Daniele entendeu o quanto era ingênua e como estava cansada de ser assim, mera espectadora de sua própria vida e refém das ações das outras pessoas. Foi em direção ao guarda-roupas e começou a lançar seus vestidos sobre a cama. Retirou os livros da estante de madeira, os perfumes, joias, maquiagens, tudo o que julgava lhe pertencer. Por causa do desespero, as peças de roupas se espalharam pelo chão, junto com os seus outros pertences, o quarto antes organizado, agora parecia tão caótico quanto a vida de Daniele.

D. Antonieta, atônita com a cena, interrogou:

— O que você pensa que está fazendo?

Àquela altura, Daniele já não conseguia mais conter as lágrimas. Com o rosto inchado e vermelho, ignorou a própria mãe e começou a jogar as roupas dentro da mala com frenesi. Não viveria mais nem um dia sequer sob o mesmo teto que o marido, se sua mãe não apoiava a separação, pouco importava. Estava certa de sua decisão, iria para o Rio de Janeiro.

— Querida, para onde você acha que vai?

Ficou em silêncio. D. Antonieta, impaciente, puxou Daniele pelo braço e forçou que a filha a encarasse. A mulher era somente lágrimas e angústia, a respiração sufocante e o peito queimava.

— Eu...vou...embora...mãe! — disse, entre soluços — eu não quero mais morar nessa casa, vou embora para o Rio de Janeiro.

* * *

Para D. Antonieta, o nascimento da primogênita tinha sido a realização de um sonho e o fim da espera de um milagre. À época, já no auge dos seus quatorze anos, o Dr. Farias havia murchado todas as suas esperanças de dar à luz, quando anunciou que ela possuía uma tendência à infertilidade.

A notícia pegou todos desprevenidos. Tamanha a vergonha e culpa que sentiu quando o marido ficou sabendo do acontecido, da possibilidade de não gerar herdeiros para a majestosa e longínqua família Dornelles.

O Sr. Horácio, o marido de D. Antonieta, quase pediu a separação. Por cerca de dois anos, o relacionamento foi marcado por ofensas, culpas e arrependimentos. Culpa por ela não conseguir engravidar e arrependimento, pois o homem sempre que tinha a chance, deixava claro como tinha sido infeliz na escolha da esposa. Seca: a mulher que era para ser a mãe dos seus filhos era seca, murcha e triste.

Foi somente aos dezesseis anos que o jardim de D. Antonieta floresceu e ela colheu o fruto mais bonito de toda a sua existência: uma pequena bênção de 44 cm e 3 kg.

— Você foi incrível, obrigado por ter me dado um herdeiro — O Sr. Horácio, deveras emocionado, agradeceu.

D. Antonieta apenas deu um meio sorriso em resposta, ainda não tinha apagado das memórias os anos de sofrimento por causa da suposta infertilidade. Mas, agora nada mais parecia importar, senão a vida da própria filha que decidiu criar como uma princesa.

Os anos se passaram e com ele D. Antonieta selou uma promessa pessoal. Em nenhuma hipótese, permitiria que a filha sofresse o mesmo que ela, não entregaria o seu presente milagroso a qualquer coração domável e cego pelo desejo de ter filhos.

Rezou todos os dias para que, assim que chegasse o momento, Daniele fosse capaz de gerar belos e saudáveis frutos e construísse uma família da qual se orgulhasse.

Parece que Deus ouviu suas preces, pois, agora tinha quatro lindos netos, a filha casada com um homem bem sucedido e admirável, enquanto todos à sua volta a parabenizaram pela excelente criação dos belos filhos.

Sim, filhos. Após o nascimento da primogênita, quatro anos depois Deus a abençoou com o nascimento de Ivan, o seu segundo milagre.

Era feliz e orgulhosa pela família que construiu, seus filhos e netos. Por isso, naquela sexta-feira à tarde, quando Daniele explodiu em desejo de se separar do marido, algo ruiu dentro de D. Antonieta.

Como após onze anos de um casamento tranquilo, ela era capaz de querer estragar tudo? Por quê? Em nome do amor e da felicidade? Independência? Depois de tudo o que D. Antonieta fez pela família, como sua filha poderia estar sendo tão egoísta?

Não permitiria o erro que estragaria a sua vida para sempre. Não, Daniele não envergonharia a família, decidia D. Antonieta. *Rio de Janeiro? Ela realmente enlouqueceu*, pensou.

Após uma longa discussão com a filha, a mulher saiu do quarto em polvorosa. O ódio e a mágoa cresciam dentro do seu peito e a sufocavam, por isso não conseguia se sentir culpada pelo tapa que acertou no rosto de Daniele.

Não, ela fez por merecer isso. Era o que dizia a si mesma para se confortar com a atitude.

Quando D. Antonieta chegou em casa, exigiu a presença do genro, seu olhar era intenso e a voz firme. Um mensageiro fez Alfredo abandonar o escritório mais cedo e se dirigir para a casa dos sogros. Sua mente fervilhava como um bule de chá de hortelã.

Enidia, a governanta, foi quem o recebeu. Os sogros o aguardavam na biblioteca. Subiu pelas escadas até a porta de acesso ao local, abarrotado de livros e com cheiro amadeirado e úmido. De certo modo, a estética da biblioteca parecia combinar com o coração e os pensamentos de Alfredo naquele momento.

— Por favor, sente-se meu querido! — D. Antonieta solicitou gentilmente.

Alfredo obedeceu. O Sr. Horácio, com um gesto convidativo, ofereceu ao genro um charuto e um copo de uísque, de modo que os três se acomodaram nas poltronas de couro, o silêncio pairou no ar denso durante alguns minutos.

— Meus sogros — o homem saudou-os com um meio sorriso — Qual o motivo de tanta formalidade?

D. Antonieta pigarreou e desviou o olhar para o marido. O Sr. Horácio deu uma tragada no charuto, bebericou um gole do uísque e inflou o peito, antes de dizer.

— Alfredo, meu genro, eu me sinto extremamente envergonhado — tossiu, por causa da forte tragada, os pulmões buscando ar puro — mas, minha mulher está preocupada com a nossa filha, ela tem agido de forma estranha ultimamente e com pensamentos delirantes.

Alfredo franziu a testa.

— Que tipos de pensamentos? — quis saber.

D. Antonieta interveio.

— Meu querido, já faz alguns meses que nossa filha começou a ler uns livros esquisitos e... — hesitou — você provavelmente já deve ter percebido, mas ela já vinha com umas atitudes estranhas, não imaginei que pudesse ser algo tão grave.

Alfredo mordeu os lábios e começou a balançar freneticamente as pernas.

— Meu Deus! — passou as mãos pelos cabelos pretos — Mas, que diabos está havendo com a minha esposa, desta vez?

Os sogros se entreolharam. O Sr. Horácio acenou com a cabeça em sinal de concordância para a mulher que, enfim, confidenciou:

— Daniele deseja se separar de você. Está descontrolada.

Por um momento, Alfredo apenas encarou o copo de uísque com um olhar afiado e feroz. Mas, os sogros quase pularam da poltrona quando o genro arremessou o objeto na direção da parede, os cacos de vidro se espatifaram em mil pedacinhos, de tal modo que o próprio casamento parecia ruir diante dos seus olhos.

Nenhuma lágrima ousou escapar, nenhum sinal de fraqueza perpassou pela face de Alfredo, somente a raiva transparecia. D. Antonieta chamou Enidia e ordenou que limpasse a bagunça, enquanto Alfredo continuava impassível e Sr. Horácio buscava as palavras certas para contornar aquela situação.

— Não se preocupe com isso...

— Não tenho que me preocupar? — o homem rebateu, irônico e com um sorriso diabólico — Diz-me que vou ser largado e pensa que não tenho com o que me preocupar?

D. Antonieta se aproximou, pousando a mão no ombro do genro. Seus olhos brilhavam com uma falsa compaixão.

— Tenho certeza de que a Daniele está apenas passando por uma fase. Eu a criei com muito amor e sei que ela voltará a ser a mulher doce e dócil de antes. Mas, tenho que ser sincera, ela não deseja somente se separar de você.

— O que mais aquela mulher quer fazer para me envergonhar?

— Mudar-se para o Rio de Janeiro. Quando eu saí de sua casa ela estava em um estado de sofrimento e tristeza, arrumando as malas, não reconheci minha própria filha, ela estava tão...

— Desequilibrada? Louca? Porque aparentemente, minha mulher enlouqueceu. Rio de Janeiro?

Alfredo afastou bruscamente a mão da sogra, levantou-se e começou a perambular de um lado para o outro, à mão direita na cintura, enquanto a outra esfregava a barba, em busca de explicações para a atitude da esposa. Na sua cabeça, ele era um ótimo marido e pai, jamais tinha falhado com o sustento da família. No que diabos ela estava querendo. Ele tinha dado tudo que uma mulher precisava.

— Se me chamaram até aqui, imagino que tenham encontrado um jeito de resolver essa situação — o homem cruzou os braços e encarou os sogros fixamente.

Com um gesto firme, o Sr. Horácio retirou um papel da gaveta e o entregou ao genro. Em letras garrafais, estava escrito o nome *Sanatório Pinel*, o telefone de contato e o nome do médico responsável pela instituição.

Ao ler o nome do sanatório, o rosto do genro se contorceu em uma expressão de dúvida.

— Um sanatório? Mas, por quê? — Alfredo interrogou-o.

— Porque Daniele está ameaçando não somente a sua honra, mas a reputação de toda a família com essa ideia descabida de separação — Sr. Horácio argumentou.

— E você acha que um sanatório vai fazê-la mudar de ideia? — D. Antonieta interveio, apesar da preocupação com a sanidade mental e a reputação da filha, ainda não conseguia se conformar com a ideia dela presa em um sanatório.

O Sr. Horácio, impaciente com as objeções da esposa, bufou e a lançou um olhar acusativo.

— Você tem uma ideia melhor? Não quero que nossa filha se torne uma degenerada.

— Meu sogro tem razão, Daniele não está na sua normalidade, ela já vinha choramingando pelos cantos. Agora eufórica? Não podemos permitir que ela desonre a minha carreira e a minha reputação.

D. Antonieta insatisfeita com a decisão, permaneceu em silêncio, após o marido lançar um olhar inquisidor para ela. De qualquer modo, ele garantiu que Daniele seria muito bem cuidada pelos médicos e enfermeiros do local, por ser uma instituição privada, ela teria à disposição o melhor dos tratamentos e logo retornaria para casa, sem nenhum sinal de desequilíbrio mental. Era tudo uma questão de tempo.

— Ande depressa, mulher! — Sr. Horácio esbravejou — Dê-me a caneta para que o meu genro assine a autorização.

Como Alfredo era o representante legal em decorrência do casamento, Daniele somente seria internada com as assinaturas do pai, do médico e do marido. Ainda receosa, D. Antonieta retirou de dentro da bolsa uma caneta tinteiro e a entregou nas mãos do genro, como se mais uma vez tivesse entregando a própria filha, assim como fizeram há onze anos.

— Pronto, está feito, amanhã a equipe médica irá até a sua casa para a internação da nossa filha! — anunciou o pai de Daniele, os dois homens trocaram aperto de mão — Obrigado por cuidar tão bem da nossa menina, Alfredo.

— Você sabe que tudo o que faço é por ela e nossos filhos, meu sogro, não tem o que agradecer.

Naquela noite, Daniele teve o seu destino traçado pelas mãos dos pais e do marido. Por mais que buscasse a liberdade, as correntes sempre a aprisionavam e a impedia de voar.

* * *

Por um momento, Daniele pensou que a morte fosse a única opção de encontrar a liberdade. Para ela, havia algo de fascinante e excêntrico na morte, uma beleza na finitude e também uma estranheza.

Mas, ao encarar os olhos de jabuticaba de Amélia, sua primogênita, ela se culpou por tais pensamentos e desejos. Como poderia clamar pela morte, enquanto tinha os quatro filhos? Como poderia fugir para o Rio de Janeiro e abandoná-los aqui? O desespero e a dor a fizeram perder o juízo, isso refletiu em seu quarto, completamente caótico e instável, assim como sua alma.

De qualquer modo, sabia que não podia mais seguir com a viagem, mas isso não significava que deveria abandonar a ideia da separação. Por isso, esperou durante horas o marido retornar para casa, mas ele não voltou. Não era a primeira vez que Alfredo dormia no trabalho, então Daniele subiu os degraus da escada em direção ao quarto dos outros três filhos, despediu-se deles com um beijo de boa noite e voltou para o próprio quarto.

O dia amanheceu com os primeiros raios de sol iluminando o quarto hostil e desorganizado de Daniele, o clima de frescor carregava os ventos da possibilidade de mudanças, mas a mulher não parecia nenhum pouco esperançosa de que seu destino fosse mudar. Sem respostas do amante e incapaz de abandonar os filhos, a opção seria pedir a

separação. Entretanto, sabia que não receberia o apoio dos pais. Para onde iria com quatro crianças? A aflição acorrentou o coração de Daniele, sua vida era um labirinto sem saída.

Assim que desceu as escadas em direção à sala de visitas, encontrou o marido. Alfredo, imerso em pensamentos, que só notou sua presença quando o som dos sapatos dela se fizeram ressoar pelo cômodo.

Antes que ela pudesse dizer algo, Alfredo interveio.

— Precisamos conversar — decretou, a expressão em seu rosto era de severidade.

Daniele congelou por alguns instantes. Pensou no diário e nas cartas escritas ao amante. *Será que ele tinha descoberto o seu segredo?* Entretanto, sabia que se isso fosse verdade, a última coisa que o marido desejaria seria conversar. Por isso, ela se aprumou no sofá e esperou Alfredo falar.

— Ontem à noite seus pais e eu conversamos — o homem se aproximou da esposa, segurou sua mão direita e fitou seus olhos esverdeados — Estamos muito preocupados com sua saúde, meu amor.

Daniele não pôde acreditar, a mãe tinha contado tudo ao genro, pensou que a confiança fosse uma das virtudes da família, mas estava enganada. Para ser sincera, ela sentia como se vivesse uma vida inteira de enganações, enganava a si mesma.

— Ninguém precisa se preocupar comigo, está tudo perfeitamente bem.

— Não é isso o que suas ações aparentam — rebateu, a testa franzida e os olhos ameaçadores fixos na esposa — Deixe cuidarmos de você, deixe o seu coração frágil e a sua mente doente ser curada, logo perceberá a estupidez das ideias que te atormentam agora.

Daniele indignou-se com tamanho absurdo. *Coração frágil? Mente doente?*

— Há muito tempo não desejo e nem o estimo como marido, não acho justo viver ao lado de alguém a quem não amo. Se isso faz de mim frágil ou doente, sinto muito.

A transição de severidade para raiva foi evidente no olhar de Alfredo, o homem apertou os dois braços da esposa e obrigou a mulher a encará-lo.

— Se você não me ama, é porque ama outro, não é verdade? — Uma nuvem pesada se esparramou pelo cômodo, as mãos do marido apertavam-na com força, os braços doíam e Daniele pediu.

— Por favor, me solte! — insistiu.

— Me fale a verdade Daniele, agora mesmo! — o aperto se intensificou.

Pela primeira vez em onze anos, Daniele sentiu medo do marido, medo do que ele poderia fazer com ela, imaginou que se não lhe desse uma resposta, ele faria mais do que somente apertar o seu braço.

— Pare, pare com isso, eu não amo ninguém, por favor me larga — as lágrimas irromperam sem que Daniele pudesse controlá-las.

Emaranhada na própria teia de mentiras, a dor que sentia não era somente física e as lágrimas não eram apenas por causa de Alfredo, mas porque sabia qual destino a aguardava, se sentia patética em acreditar nas palavras inúteis dos livros que lera.

Amor, paixão, companheirismo e liberdade.

Fantasia, tudo o que leu não passava de fantasia. Arrependido de se descontrolar, Alfredo tentou acalmá-la com um abraço, mas ela o empurrou para longe, não queria ficar perto de quem representava todo o seu sofrimento.

Imersa nas próprias dores, Daniele não percebeu a chegada repentina de dois homens corpulentos trajados com uniformes hospitalares acompanhados de D. Antonieta e o Sr. Horácio. O momento e a situação da mulher parecia comprovar a teoria de todos, Daniele estava a um passo da loucura e para o seu próprio bem deveria ser enviada para o Sanatório.

Por isso, as duas mãos fortes dos enfermeiros a seguraram, um de cada lado, foi então que Daniele percebeu, algo de errado acontecia.

— Mãe, pai? — indagou-se ao se deparar com os progenitores — Quem são esses homens? O que eles estão fazendo aqui? Ei, me solte! — ordenou.

Daniele contorceu todo o corpo na tentativa inútil de escapar, exigiu que a soltasse, implorou ao marido e aos pais, tentou entender para onde aqueles homens levavam-na, mas ninguém parecia disposto a ajudá-la.

— Eu não sou louca, não sou louca, por favor, me soltem, me deixem em paz, eu não sou louca, não sou louca, não sou louca! — Daniele repetia incansavelmente.

Os enfermeiros a arrastaram para fora da própria casa, o marido e os pais no encalço. O carro que a levaria para o Sanatório Pinel a aguardava. Uma outra enfermeira surgiu de dentro do automóvel com a prancheta em mãos, ela se aproximou do pai e do marido para combinarem os últimos acordos sobre a internação de Daniele.

— Por que vocês estão fazendo isso comigo? Eu não sou louca, por favor, pede pra eles me soltarem mãe — ela insistia, mas a mulher parecia um fantasma, sem corpo, alma e voz.

A última lembrança antes do carro dar partida em direção ao Sanatório foi do pai e do marido a encarando pelo vidro, enquanto a mãe lutava contra a dor de internar a própria filha. Em seus pensamentos, Daniele suplicava aos berros: *eu não sou louca, eu não sou louca*, como uma forma de convencer a si própria. Ninguém mais a ouvia.

Os medicamentos, os eletrochoques, o isolamento foram prescritos para acalmar aquela angústia e aquelas dúvidas que atormentavam o espírito de Daniela. As perguntas vinham à sua mente em fluxo, desconexas, descontínuas: *Porque eu não sei fazer justiça? E sou advogada de defesa e salvo a vida de alguém? Sou covarde? Só porque eu não sei como se faz justiça, sou medrosa? E eu não tenho coragem de enfrentar nada? O que eu tenho que enfrentar na vida? Acho que vou morrer... Mas se eu morro, eles me ressuscitam, eles me ressuscitam com mais um daqueles horríveis choques nas têmporas.*

PRETA, GRÁVIDA E LOUCA?

Coroaci, 1958.

Foi em um entardecer de domingo. O céu tingido por cores laranjas e vermelhas, o brilho incandescente do sol e a brisa impetuosa de outono não renunciaram o trágico destino de Geralda.

— Sinto muito menina, mas aqui cê não pode ficar mais — D. Nélida decretou.

A criança interrompeu a varredura do quarto no mesmo instante, a voz da senhora parecia cacofonia dentro de sua cabeça. Há quase três anos, aquela era a sua casa, o seu lar, o aconchego em dias de tempestade, ensolarados ou nebulosos, mas agora D. Nélida a queria longe dali.

— O quê? Por que, *Nelinha*?

D. Nélida apertou os dedos das mãos, passeou as mãos pela cabeça até a nuca, na tentativa de buscar coragem e seguir com o despejo de quem criou tanto apego.

A pobreza pede medidas drásticas e cruéis, por isso sabia que não tinha escolha.

—Eu sei que prometi cuidar de você quando o seu Osvaldo partiu desse mundo, minha menina—o coração martelava dentro do peito—Mas, cê sabe que eu tenho uma filha que mora longe daqui, né?

A garota acenou em resposta, a tristeza transparente nos olhos castanhos, antecipando em sua mente o que viria a seguir.

—Ela tá voltando pra casa com a minha netinha e o marido dela, passaram a perna nos dois e eles tão sem dinheiro. Cê sabe, o pouco que ganho não dá pra muita coisa, como vou cuidar docê, mais dois marmanjos e um bebêzinho? Não tem jeito, minha filha, cê perdoa a vieia aqui, mas não tem jeito. Não tenho como ficar com você.

Os olhos de Geralda se transformaram em um mar revolto, as lágrimas escaparam como um tsunami e inundaram o seu coração machucado. Mais uma vez, ela estaria sozinha, abandonada à própria sorte.

A primeira vez foi com a morte dos pais. Órfã e sem estudos, Geralda era como um pião, rodopiava entre as casas dos vizinhos em busca de comida, banho quente e roupas limpas¹²⁴. O Sr. Osvaldo foi a pessoa com quem ela morou por mais tempo, desde os quatro anos até os oito, antes dele morrer de pneumonia. Sozinha e enlutada, D. Nélida chamou-a para morar com ela. A filha e a netinha viviam na cidade grande, havia um quarto disponível para acomodá-la. Foi com D. Nélida que Geralda, ainda muito nova, aprendeu a cozinhar, passar, lavar, encerar e todas as tarefas que, segundo a senhora, uma moça precisava aprender.

D. Nélida afagou os cabelos da criança e a envolveu em um abraço, compadecida de seu sofrimento. Por um momento de fraqueza, deixou uma lágrima escapar, enquanto Geralda soluçava, o rosto ruborizado por causa do choro soluçado.

—Fica sossegada, minha menina! —sussurrou—você não vai ficar largada não.

¹²⁴ De acordo com Arbex, Geralda nasceu em Coroaci, no Vale do Rio Doce. Ela perdeu os pais quando ainda pequena, por isso foi criada pelos vizinhos, sem nenhuma informação sobre os seus parentes. “Analfabeta, foi levada para trabalhar em casa de família, longe de sua cidade natal, aos onze anos.” ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

D. Nélide segurou as mãos frágeis e finas, mas já calejadas de Geralda, acariciou a sua bochecha molhada, soprou o rosto da menina e pediu para que não chorasse mais. A criança optou por confiar na senhora, aos poucos as lágrimas cessaram e deram lugar à uma expressão de curiosidade.

—Para onde eu vou, Nelinha?

D. Nélide tinha tudo sob controle. Desde que recebeu a notícia da vinda da filha, tratou de encontrar um jeito de não deixar Geralda desamparada, foi quando encontrou as irmãs Helena Guerra e Tereza¹²⁵, duas freiras em visita a Coroaci.

—Uma garota? —interrogou, curiosa, a irmã Tereza, enquanto D. Nélide confessava o seu pecado e implorava por perdão e misericórdia — Que benção divina, qual a idade da criança?

—Onze anos —respondeu, ainda envergonhada por não conseguir ficar com a menina —Por favor, estou desesperada, imploro que me ajudem, não quero abandonar essa menina, mas se continuar cuidando dela, iremos todos morrer de fome.

A irmã Helena aproximou-se e apoiou a mão direita no ombro de D. Nélide para tranquilizá-la. Com um sorriso meigo e bondoso, anunciou:

—Vamos levá-la para um lugar onde será bem cuidada, minha querida, não há mais o que se preocupar.

Os olhos de D. Nélide brilharam com a promessa. Suas preces finalmente tinham sido atendidas. Quem poderia duvidar das servas de Deus? Apesar da pobreza e dos leões diários enfrentados, a fé sempre foi a precursora da vida da senhora, por isso dobrou os joelhos e agradeceu aos céus, pois sabia que dali em diante Geralda estaria amparada nos braços do Senhor.

Tinha chegado o momento de anunciar para a menina o seu novo lar.

—Eu conversei com as freiras que visitavam Coroaci, elas me falaram sobre um casal que mora em Virginópolis, são casados há muito tempo e possuem quatro filhos, o nome deles são Daniele e Alfredo —D. Nélide suspirou, a ansiedade a corroía a cada frase —E os dois prometeram cuidar de você, ofereceram comida, roupas limpas e banho quente, além de estudo, tudo o que precisa fazer é ajudar a cuidar da casa e dos filhos. Seja uma menina bondosa e obediente que tudo ficará bem.

Geralda sentiu um gosto metálico de sangue nos lábios, não tinha percebido que feria a própria boca diante da imprevisibilidade do seu futuro.

—Esse lugar para onde querem me levar... —gaguejou — Virginópolis, é muito longe da senhora? De Coroaci?

—Não, minha querida! —ela acariciou o rosto da menina —Eu prometo visitá-la, assim que conseguir uma carona com o Seu Bento ou peço para as irmãs lhe trazerem para me visitar, assim que elas retornarem para Coroaci, tudo bem?

Geralda, a contragosto e receosa de se mudar para uma cidade estranha e uma família desconhecida, apenas acenou levemente com a cabeça. Ela já deveria ter se acostumado com

¹²⁵ Na história real, Helena e Tereza foram as responsáveis por encaminhar Geralda para o Colônia de Barbacena, em 1966 (ARBEX, op. cit. p.129-130).

sua vida imprevisível, algo dentro da menina insinuava que aquela mudança seria ainda mais dolorosa.

Dois dias depois, a despedida foi selada com um abraço e um beijo na testa. D. Nélida presenteou a garota com um terço, enquanto as irmãs agradeceram à senhora com cinco Pai-nossos e cinquenta Ave-Marias. Entardecia quando Geralda partiu de Coroaci por uma estrada nova e desconhecida, em direção a casa da família Dornelles.

Quando Geralda chegou a Virginópolis foi recebida por uma chuva torrencial que dançava sob o ritmo dos trovões, cujos relâmpagos iluminavam o céu.

Logo na primeira semana na casa dos Dornelles, Geralda descobriu que não seria adotada pelo Dr. Alfredo e a Sra. Daniela. Pelo contrário, não precisavam de mais filhos, mas de uma empregada. Rotineiramente, a menina acordava antes do nascer do sol e retornava à noite para o cubículo que apelidou de quarto, que ficava escondido nos fundos do sobrado..

De qualquer modo, Geralda agradecia por ter comida, um teto e lugar para lavar suas roupas, por isso seguiu a sua função na casa da família que lhe abriu as portas e a impediu de viver nas ruas de Coroaci.

Não passava das quatro horas da tarde, quando a gratidão da menina deu lugar ao sofrimento. Geralda já estava havia dois anos na casa dos Dornelles, habituada à sua rotina de trabalho, assustou-se quando escutou ao pé do ouvido a voz etérea do patrão mencionar o seu nome.

Virou-se para encarar o Dr. Alfredo, os olhos do homem de cinquenta e quatro anos era enigmático e causou calafrios em Geralda. Antes que ela pudesse agir, os braços corpulentos do homem agarraram-na, pressionando seu corpo contra a porta e começou a distribuir beijos indecentes pelo pescoço da jovem.

Sem reação e força para reagir à atitude que ela própria não conseguia compreender, Geralda se manteve petrificada, a voz não saiu, nem mesmo as lágrimas, enquanto o advogado explorou cada parte do seu corpo franzino e imaculado de adolescente.

Aos quinze anos, a história se repetiu. Após mais um dia exaustivo entre limpar, encerar e cozinhar, Geralda foi até a cozinha preparar algo para comer. Não havia comido nada o dia todo.

Tal foi a sua surpresa ao se deparar com a chegada de Dr. Alfredo. O homem parecia irritado, não disse absolutamente nada. Ela se encolheu e quis esconder o próprio corpo, mas sentiu aquelas mãos peçonhentas puxarem os seus cabelos, lançando-a sobre a mesa. Com os olhos arregalados, viu-o abaixar as calças, mas depois disso fechou os olhos para o que aconteceria a seguir.

Aquela foi a primeira vez que Geralda implorou a Deus pela morte. Quando Dr. Alfredo se sentiu satisfeito, foi embora e a deixou ali deitada em cima da mesa como os restos de um banquete. Incapaz de se mover e com uma dor dilacerante que cortou a sua alma, Geralda se permitiu chorar, chorar e chorar, até que não restasse mais nenhuma gota de lágrima, até que a sua alma fosse lavada das impurezas e das mãos sujas daquele homem.

Meses se passaram desde que as mãos do Dr. Alfredo tocaram o corpo de Geralda pela segunda vez. Eles não trocaram uma palavra sequer sobre o acontecido, vez ou outra ela percebia os olhares maliciosos do homem, sentia o coração martelando dentro do peito e perdia a força das pernas, somente em imaginar passar por tudo aquilo de novo. De qualquer forma, sabia que estava sozinha, nem D. Nélida que prometera visitá-la, deu sinal de vida.

Por isso, seguiam os dias monótonos e cansativos em uma rotina de trabalho. Geralda bem que tentou contar às irmãs do patrão sobre o ocorrido, mas elas não pareceram nenhum pouco surpresas.

—Coisa de homem, menina! —Eunice, a caçula dos irmãos, afirmou: —É da natureza deles não controlarem seus impulsos sexuais, ainda mais quando se tem uma esposa louca que fica de asilo em asilo.

Não demorou para os primeiros sinais aparecerem. Geralda preparava o habitual almoço do patrão, quando o estômago se revirou ao sentir o cheiro do frango. De imediato correu ao vaso sanitário e despejou um líquido viscoso, amargo e esverdeado. Os enjoos se intensificam.

O corpo antes magro, pouco a pouco foi se desenvolvendo, mas o sinal de que algo não estava certo foi quando a menstruação da garota desapareceu. Ali, pouco tempo depois, Geralda descobriu que estava grávida. *Nunca eu pensaria na minha vida, que ele tivesse coragem de fazer isso comigo. Ele, um advogado. Eu, uma simples empregadinha doméstica*, refletiu.

—O quê? Grávida? —Dr. Alfredo perguntou, estupefato com a notícia que a irmã trouxera —Mas, como isso foi acontecer?

Eunice sorriu irônica, por causa do questionamento do irmão.

—Você achou que as noites de diversão com a cabritinha iam dar no quê?

Dr. Alfredo não tinha pensado nas consequências dos seus atos, nem tampouco em gravidez. No momento em que se apossou de Geralda, somente o prazer regia sua mente e corpo, mas agora estava envolvido em uma confusão.

—Quem mais sabe sobre ela? —matutou, angustiado enquanto perambulava pelo escritório, localizado no segundo andar da casa.

—Somente nossa irmã Efigênia e eu, além da empregadinha, é claro! —riu, por causa da própria ignorância — O que pensa em fazer meu irmão? Vai criar o filho da empregada?

—Isso nunca será uma possibilidade, sabe que tenho minha honra e reputação a zelar, já não bastasse ter uma mulher louca, imagine assumir um bastardo?

—Mas, a menina já está com uns três meses, logo a barriga irá crescer e será somente uma questão de tempo até que toda Virginópolis descubra do seu caso.

—Argh! —o homem esbravejou — Cale essa boca, Eunice. Me deixe pensar um pouco, sozinho.

Eunice se aproximou do irmão, fez sinal para que ele se sentasse na cadeira do escritório e manteve o sorriso viperino nos lábios.

— Oh, meu irmão, por acaso não me conheces? — ela enrolou uma mecha loira na ponta dos dedos —Eu já encontrei uma saída para dar um sumiço na empregadinha.

—Pois, desembucha logo, oras! —Dr. Alfredo retrucou, ansioso pela solução encontrada pela irmã.

Com relação a métodos de fuga em situações embaraçosas, Eunice era especialista. Tinha sido dela a ideia de se mudar para a fazenda do pai para fugir do escândalo da traição da mulher louca do irmão. E os negócios iam bem na pequena cidade. Mas, como ela iria esconder uma empregada grávida, ele estava curioso para descobrir.

—Lembra das irmãs Helena e Tereza? —ele acenou em concordância — As duas estão trabalhando no Hospital Colônia de Barbacena. Não é muito longe daqui, mas distante o suficiente para esconder a empregadinha embuchada.

O Dr. Alfredo tinha conhecido o Colônia quando peregrinava em busca de uma clínica psiquiátrica para internar Daniele. Pensou que talvez pudesse ser um bom lugar para a esposa, mas viu de perto a superlotação e as condições de higiene precárias, sendo demovido da ideia. Não permitiu que a mãe dos seus filhos fosse entregue àquela escória.

Ao contrário de Daniele, Geralda não significava nada para o Dr. Alfredo.

—Quando podemos enviá-la para Barbacena?

— Semana que vem! —decretou —Combinarei com as irmãs para que a busquem logo pela manhã, assim evitaremos olhares curiosos dos vizinhos, como em um piscar de olhos, a empregadinha desaparecerá da sua vida pra sempre.

— Obrigado, minha irmã! — apertou-a num abraço de sincero agradecimento —De todas as mulheres da família, você é a mais ajuizada.

O destino de Geralda tinha sido traçado pelas mãos do Dr. Alfredo e de Eunice. Na semana seguinte, logo pela madrugada, as irmãs Helena e Tereza já estavam na casa da família Dornelles. Foi Eunice quem as recebeu e repassou todas as instruções para garantir que Geralda não desconfiasse de nada.

O Dr. Alfredo foi quem ordenou que fosse para Barbacena, pois ajudaria as freiras nos preparativos da Festa de Nossa Senhora da Piedade, onde, naquele ano iria cumprir uma promessa pela restituição da saúde de sua esposa. Deveria ajudar a limpar, fazer os enfeites e tudo o mais que as irmãs ordenasse.

— Os ares da cidade vão lhe fazer bem ao estômago.

Geralda, inocente, obedeceu e as três entraram no carro e seguiram viagem.

Durante o trajeto, Geralda pensou em contar às irmãs o que o patrão fizera com ela, mas tinha medo de que não acreditassem. Desejava nunca mais voltar para aquele sobrado amaldiçoado. Permaneceu em silêncio, a mão acariciando o próprio ventre, ainda receosa da ideia de ser mãe, ainda mais naquelas condições.

Após longas horas de viagem, o carro estacionou em frente a um majestoso casarão, cercado de arbustos, mas nada parecido com a igreja de Coroaci que ela conhecera. A irmã Helena, apressadamente, abriu a porta do passageiro e fez sinal para que Geralda descesse e, assim, ela o fez.

—Vamos entrar, minha filha —Tereza sorriu, amigavelmente.

Geralda sentiu o pelo dos braços eriçarem, a angústia e o medo acorrentaram os seus passos. Durante alguns minutos ela se manteve imóvel até que foi arrastada pelo braço pela irmã Helena, de maneira apressada e desesperada.

—Não temos tempo, menina! —vociferou.

Quando Geralda ultrapassou a porta de entrada do casarão, notou que não era uma igreja. Homens e mulheres transitavam de um lado para o outro, uniformes brancos, carregavam pranchetas nas mãos num vai e vem inquietante, mas ritmado. No pátio um conglomerado de crianças, homens e mulheres, todos seminus, a pele imunda, olhares inchados e carregados de sofrimento. Isto é o inferno?

Duas mãos fortes agarraram-na, enquanto Geralda tentava se desvencilhar e clamar pela misericórdia das freiras. Tarde demais, os dois enfermeiros arrastaram a jovem embuchada para uma sala afastada, deitaram-a em uma maca gelada, amarrando seus braços e pernas. Um dos homens posicionou os eletrodos na região do cérebro de Geralda e disparou as correntes elétricas, enquanto a menina se debatia contorcendo o corpo e gemendo de dor. De repente, tudo se transformou em um completo borrão.

Meu filho..! Não teve tempo de pensar na patroa, que devia ter passado por aqui tudo também. Não pensou naquele homem imundo de mãos pegajosas. Acordou confusa, os pensamentos esvoaçavam como folhas secas ao vento... procurava entre aquelas folhas a palavra quebrada de seu próprio nome. De repente, era como se um redemoinho fizesse voar todas aquelas letras desconexas que ela não entendia... Geraldas, Stellas, Danieles subiam com a poeira... e sem avisar, o vento parava. E naquela paisagem alucinante, as folhas caíam na boca de um poço sem fundo... caíam, caíam. Caídas, caladas, calafrios, calabouços.

ENCARTE PEDAGÓGICO

Caro aluno,

Este material foi desenvolvido como suporte para a leitura e interpretação do livro lido. Nesse sentido, com o apoio do seu professor (a), faça as atividades solicitadas e desenvolva o seu conhecimento acerca da obra lida, além das suas capacidades de pesquisa, interpretação e análise.

Esperamos que seja uma jornada enriquecedora.

Após ler a obra “Memórias do calabouço”, faça as atividades abaixo:

Proposta 1: No conto **Stela, Stella, Stellas**, quando Stella acorda e se vê internada, ela questiona aos enfermeiros onde está, de modo que um deles responde “– Num local apropriado para o seu tipo de gente.” Explique a quem o termo “seu tipo de gente” faz referência e, a partir de uma pesquisa em materiais confiáveis, associe a fala do enfermeiro com o racismo da década de 1930.

Proposta 2: Leia o conto **Sanatório para Mulheres Desajustadas** e identifique as principais emoções e conflitos vividos pela personagem Daniele Dornelles.

Proposta 3: Leia os documentos históricos 1 e 2, e responda às questões abaixo:

Documento 1: Constituição de 1934.

Art. 108. O casamento legal será o civil, cujo processo e celebração serão gratuitos.

§ 1º O casamento é indissolúvel. A lei civil determinará os casos de desquite e de anulação do casamento.

POLETTI, Ronaldo. **Constituições Brasileiras, volume III, 1934.** Brasília: Senado Federal, 2012.

Documento 2: Trecho de um artigo de jornal da Revista Feminina (1914-1930).

Por sua vez o elemento germano que, segundo a propria sciencia historica franceza — pelo menos até a guerra, pois que esta alterou mesmo a sciencia — dotara a sociedade antiga da liberdade individualista, foi quem mais elevou a condição da mulher no lar, mas não na sociedade, isto é, no que diz respeito á sua posição social, a qual ficou exteriormente sendo inferior á do homem. A emancipação da mulher, mesmo no terreno juridico, é cousa muito mais moderna, pode mesmo dizer-se que recente, e foi o resultado do espirito de tolerancia que produz a instrucção.

Entrou primeiro a reconhecer-se a igualdade das faculdades, logo a das capacidades, depois a dos direitos, até chegar a dos deveres, que é a parte mais ardua, mesmo porque a galanteria masculina, quando assim se quizesse exercer, não mais poderia subtrahir o outro sexo ás obrigações assumidas. A guerra que ha pouco

Fonte: "A escola doméstica". Ano 1920, ed. 069, p.16-17. Revista Feminina (SP) - 1914 a 1930.

- 1) Identifique o período histórico do documento acima e explique como as leis e a sociedade da época influenciavam a vida e os direitos das mulheres?
- 2) Quais mudanças ocorreram desde então em relação aos direitos das mulheres?
- 3) Escreva uma carta fictícia como se você fosse Daniele Dornelles, explicando suas frustrações e desejos, mas ambientada nos dias atuais. Eles devem refletir sobre como as mudanças nas leis e na sociedade poderiam influenciar as decisões da personagem hoje.

Proposta 4: “Mas, já era tarde demais, os dois enfermeiros arrastaram a jovem para dentro de uma sala, deitaram-a na maca e amarram seus braços e pernas. Um dos homens posicionou os eletrodos na região do cérebro de Geralda e disparou as correntes elétricas, enquanto a menina debatia o próprio corpo e gemia de dor, antes de tudo se transformar em um completo borrão”.

Com base na leitura do trecho acima, faça uma pesquisa sobre a prática do eletrochoque, técnica utilizada durante o período manicomial como forma de tratamento e que continua sendo usada até hoje, porém em diferentes condições. Aponte como e por que essa técnica era aplicada, além de explicar como a técnica funciona na contemporaneidade.

Proposta 5:

Texto I

Homem é preso suspeito de tentar estuprar empregada doméstica na zona Oeste de Boa Vista

Crime aconteceu nessa terça-feira (9) no bairro Alvorada. Homem, de 51 anos, foi preso pelos crimes de importunação sexual e tentativa de estupro.

Por g1 RR — Boa Vista
10/04/2024 12h12 · Atualizado há 7 meses

Fonte: G1.

Texto II

“Tal foi a sua surpresa ao se deparar com a chegada de Dr. Alfredo. O homem parecia irritado, não disse absolutamente nada. Ela se encolheu e quis esconder o próprio corpo, mas sentiu aquelas mãos peçonhentas puxarem os seus cabelos, lançando-a sobre a mesa. Com os olhos arregalados, viu-o abaixar as calças, mas depois disso fechou os olhos para o que aconteceria a seguir.”

Com base na leitura do texto I e II, disserte sobre os impactos da violência física e sexual contra a mulher no Brasil, destacando os avanços e retrocessos sobre a temática.

